

Revista Militar

2.^a ÉPOCA

FUSÃO da Revista Militar, Revista do Exercito e da Armada
Revista da Administração Militar e Portugal Militar



DIRECÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
9 - Largo da Anunciada - 9

Tip. da Empresa Diário de Noticias
R. do Diário de Noticias, 78

LISBOA

Cargos para 1920

MESA DA ASSEMBLÉA GERAL

PRESIDENTE

General Fernando Larcher

VICE-PRESIDENTE

Coronel José Joaquim Mendes Leal

SECRETARIOS

Coronel Fernando Augusto Freiria
Capitão Julio José Domingues

DIRECCÃO

PRESIDENTE

General de divisão José Estevão de Moraes Sarmento

VOGAIS EFECTIVOS

General José Cesar Ferreira Gil
Coronel Victoriano José Cesar
Coronel Frederico Oom
Coronel Luis Henrique Pacheco Simões
Coronel José Justino Teixeira Botelho
Tenente coronel Julio Ernesto de Moraes Sarmento
Capitão tenente Joaquim Anselmo da Matta e Oliveira
Major Alberto David Branquinho

SECRETARIO

Tenente-coronel Luis de Mello e Athayde

VOGAIS SUPLENTES

Capitão de mar e guerra Augusto Ramos da Costa
Coronel Arthur Ivens Ferraz
Coronel Eduardo Alfredo de Araujo Barbosa

CONSELHO FISCAL

VOGAIS EFECTIVOS

General João Martins de Carvalho
Tenente-coronel Raul Augusto Esteves
Capitão Manoel da Costa Dias

VOGAL SUPLENTE

Tenente-coronel Afonso H. Lopes de Macedo

Empresa da REVISTA MILITAR

SOCIOS HONORARIOS

Sebastião Custodio de Souza Telles

General de divisão

José Augusto Alves Roçadas

General

SOCIOS EFECTIVOS

Francisco J. Ferreira do Amaral
Vice-almirante

Domingos José Correia
General de divisão

José Estevão de Moraes Sarmiento
General de divisão

José Fernandes da Costa Junior
General de brigada

Alfredo de A. Lopes de Macedo
General de brigada

João Martins de Carvalho
General

Fernando Larcher
General

José Cesar Ferreira Gil
General

Pedro Guilherme dos Santos Diniz
Capitão de mar e guerra

Augusto Ramos da Costa
Capitão de mar e guerra

Victorino Gomes da Costa
Capitão de mar e guerra

Luis Antonio Alves Leitão
Coronel

José Joaquim de Castro
Coronel

Alexandre José Sarsfield
Coronel

Victoriano José Cesar
Coronel do serviço do est. maior

José Joaquim Mendes Leal
Coronel

Frederico Oom
Coronel de engenharia

Luis Henrique Pacheco Simões
Coronel

Guilherme de Campos Gonzaga
Coronel

Francisco Xavier Corrêa Mendes
Coronel

José Justino Teixeira Botelho
Coronel de artilharia

Luis Antonio de Vasconcellos Dias
Coronel de adm. militar

João Baptista da Rocha Grillo
Coronel

Artur Ivens Ferraz
Cor. de art. e do serv. do est. maior

Luis A. Ferreira Martins
Cor. de art. e do serv. do est. maior

Eduardo Alfredo de Araujo Barbosa
Coronel de infantaria

Fernando Augusto Freiria
Cor. de art. e do serv. do est. maior

Afonso H. Lopes de Macedo
Tenente-coronel

Luis de Mello e Athayde
Tenente-coronel de infantaria

Julio Ernesto de Moraes Sarmiento
Tent. cor. de cav. e do serv. do est. maior

Raul Augusto Esteves
Tenente coronel de engenharia

D. Antonio José de Mello
Major

Joaquim A. da Matta e Oliveira
Capitão-tenente da armada

Alberto David Branquinho
Major de adm. militar

Henrique Linhares de Lima
Major de adm. militar

Manoel da Costa Dias
Capitão de adm. militar

David José Gonçalves Magno
Capitão de infantaria

Julio José Domingues
Capitão de infantaria

SOCIOS HONORARIOS

...

...

...

...

SOCIOS EFECTIVOS

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9. — Lisboa

N.º 1

Janeiro de 1920

Ano LXXII

Director, proprietario e editor — Empresa da *Revista Militar*

Composição e impressão na TIPOGRAFIA DA EMPRESA DIARIO DE NOTICIAS
Rua do Diario de Noticias, 78 — Lisboa

LIÇÕES DA GRANDE GUERRA

III

(Continuado da pag. 634, do LXXI ano)

Os preliminares da batalha do Marne

No dia 5 de setembro o I exercito alemão (Von Kluck) occupava uma estensa linha — Crecy-Cerneux-Esternay, defrontando-se à direita com o exercito inglês, desenvolvido a S. O. do bosque de Crecy, e na ala esquerda com o 5.º exercito francês, desenvolvido entre Sezane e Rouilly.

A 15 quilómetros á retaguarda, correspondendo ao flanco direito da sua ordem de batalha, deixára Von Kluck o 4.º corpo de reserva como flanco-guarda, na previsão de qualquer sortida a realizar pela guarnição de Paris.

As informações recebidas na tarde desse dia, mais peremptoriamente confirmadas pelo troar do canhão dos lados do Ourcq, fizeram compreender a Von Kluck a realidade da situação, que ficou mais nitidamente esclarecida no dia immediato.

Era evidente que um novo exercito inimigo operava no seu flanco direito, procurando envolvê-lo.

O I exercito alemão tomando o contacto na manhã de 6 com o exercito inglês e com o 5.º exercito francês, não podia desprender-se immediatamente desses exercitos para acudir ao 4.º corpo de reserva no Ourcq.

Ordenando a este corpo que resistisse energeticamente ao primeiro ataque do inimigo e aguardasse reforços, Von

Kluck, general expedito e habil manobrador tomou o unico partido que as circunstâncias aconselhavam.

Para salvar a situação tornavam-se indispensáveis resoluções prontas e movimentos rapidissimos.

Antes que as malhas da rêde envolvente do adversario se apertassem demasiado, Von Kluck manobrou com destreza atacando com a maxima energia os ingleses que avançavam com circunspecção, saído do bosque de Crecy para atacar a sua ala direita.

O 2.º corpo de linha alemão, comandado pelo general Linsingen, executando um vigoroso contra-ataque conseguiu introduzir a desordem nas colunas inglesas, que se viram compelidas a retroceder sôbre o bosque de Crecy.

No entretanto o 4.º corpo de linha alemão avançando até Provins, rechaçava a cavalaria francesa e uma das brigadas conseguia envolver o flanco esquerdo do exercito de Franchet d'Esperey, originando a perturbação precisa para evitar desde logo a acção energica dêste exercito contra os 3.º e 9.º corpos do exercito de Von Kluck.

O general Linsingen, depois de haver desorganizado a ordem de batalha dos ingleses, repelindo-os sôbre o bosque de Crecy, substituiu os ataques da infantaria pelo fogo violento da artilharia pesada, em posição na margem N. do Grand Morin e protegida pela cavalaria, o que impediu o comando inglês de vêr desde logo claro na situação creada.

Linsingen conseguiu desta arte fazer retrogradar sem estôrvo algum ás 10 horas da manhã do dia 6, sôb um calôr ardente, as tropas pomeranias, que constituíam o 2.º corpo do seu comando, a fim de tomarem parte na batalha de Ourcq.

Duas divisões da cavalaria alemã ocuparam a frente desguarnecida pela infantaria do 2.º corpo.

Os ingleses supondo ter na sua frente fôrças importantes de tôdas as armas avançavam com extrema prudencia e circunspecção, em vista do que só na noite de 6 chegaram a Coulommiers, onde o fogo dos obuzes alemães atirando da margem direita do Grand Morin os conteve em respeito.

No entretanto recebia também a ordem de retrogradar sobre o Ourcq o 4.º corpo de linha alemão, que durante o dia havia obtido sensiveis vantagens sôbre os franceses.

Este corpo foi desfilar em Coulommiers, na frente do exercito inglês, que não lhe estorvou a marcha, assim como não havia impedido o movimento retrógrado do 2.º corpo sôbre o campo de batalha do Ourcq.

A marcha de flanco executada pelos 2.º e 4.º corpos de exercito alemão, na frente do exercito de French, foi considerada uma das mais brilhantes operações militares realizada no próprio campo de batalha, depois de empenhado combate, cuja ruptura foi dirigida com superior habilidade.

A fôrma relativamente fácil como se efectuou é explicada pela pouca aptidão manobradora que, no principio da campanha, tinha o exercito inglês, especialmente depois da grande retirada de Charleroi sôbre a floresta de Crecy a S. E. de Paris, o que lhe affectou sobremaneira a fôrça moral.

A batalha de Ourcq

As ordens expedidas a Maunoury prescreviam-lhe a concentração do 6.º exercito a N. E. de Meaux para atravessar o Ourcq entre Lizy e Mai, em direcção a Chateau-Thierry.

Na manhã de 5 de setembro, Maunoury fêz executar a êste exercito uma conversão para N. E., sôbre a sua ala direita, desenvolvida nas cercanias de Dammartin.

As divisões de reserva haviam sido dispostas na ala direita e o 7.º corpo de linha na ala esquerda para executar o movimento envolvente sôbre o flanco direito alemão. O 1.º corpo de cavalaria cobria a N. esta manobra.

Adoptadas estas disposições, iniciou-se o combate na tarde de 5; a ala esquerda encontrou séria resistencia no percurso de Louvres a Bonillancy, e as divisões da ala direita foram repelidas pelos alemães sôbre a sua base de ataque.

Na madrugada de 6, o exercito de Maunoury redobra de esforços, atacando vigorosamente o 4.º corpo de reserva alemão.

O embate foi terrivel e, a breve trecho, em alguns pontos da linha, a acção do fogo foi substituida por combates parciaes á arma branca, em que franceses e alemães se acoemtiavam com furioso encarniçamento. O campo ficou literalmente juncado de cadaveres.

Marcilly e Etrepilly foram teatros das mais sanguinolentas cenas; o cemiterio de Etrepilly três vezes foi perdido e retomado pelos alemães, até que uma soberba carga à baioneta, executada pelo 2.º regimento de zuavos, o deixou definitivamente em poder dos franceses.

O seu heroico comandante, que de espada desembainhada dirigiu valentemente a carga animando os soldados, pagou com a vida a gloria de ter comandado êste irresistivel e decisivo assalto.

No meio de combates violentos conseguem os franceses apoderar-se na ala direita de Chambry, Barcy, Marcilly, e na ala esquerda de Puisseux, Acy e Etavignz, de forma que o 4.º corpo de reserva sofrendo uma grande pressão em toda a frente e ameaçado de revés por Nau-teuil-le-Handouin, é coagido a abandonar St. Soupletz recuando até ao rio Ourcq, em cujas margens a sua artilharia pesada havia ocupado posições vantajosas.

No dia imediato, o 6.º exercito francês envida inauditos esforços para completar o exito da vespera procurando forçar a passagem do Ourcq, mas o adversário reforçado pelo 2.º corpo (Lesingen), que acorrera de Crecy, torna infrutiferas as repetidas tentativas dos franceses para passarem à margem esquerda do rio.

Tendo passado o Grand Morin na noite de 6, o 2.º corpo alemão alcançara horas depois o rio Marne. A sua 3.ª divisão atravessou os bosques de Meaux e tomou posição em Varredes, na ala esquerda do 4.º corpo de reserva; a 4.ª divisão prosseguiu a marcha até Etavigny, desenvolvendo à direita do mesmo corpo.

Ao mesmo tempo que Von Kluck fizera retrogradar o 4.º corpo activo sôbre o Ourcq, expedira ordem a um corpo de landwehr acantonado em Compiègne para se dirigir a marchas forçadas sôbre Nauteuil-le-Handouin, no intuito de tomar de revés o exército Maunoury.

Destacamentos franceses e ingleses ocuparam Coulommiers horas depois da partida de Von Kluck, que ali havia estabelecido o seu quartel general.

Por seu lado Gallieni, impaciente por ver jugulada a resistencia desesperada dos alemães, enviára pela via ferrea, como reforço a Maunoury, a 61.ª divisão de reserva, que apoiando

o 7.º corpo acentuou o movimento envolvente por Villiers-Saint-Genert sôbre o flanco direito alemão.

Ao ocupar Acy, o 7.º corpo francês defronta-se com tropas frescas alemãs que marchavam ao ataque.

Era a ala direita do 2.º corpo alemão (Linsingen), que no seu ardor ofensivo faz retroceder os franceses, conseguindo reconquistar Etavigny.

A batalha assumiu então um carácter de grande violência.

A ala esquerda do 2.º corpo, depois de combates encarniçados, conseguiu rechaçar um serio ataque dos franceses sôbre Meaux.

O equilibrio de fôrças foi por momentos restabelecido; mas no dia 8 a decisão da batalha pareceu inclinar-se a favor dos alemães pela entrada na linha de batalha do seu 4.º corpo activo, que no día 6 combatera vitoriosamente em Provins.

De instante para instante a luta adquiria uma maior violência; os franceses apertados por todos os lados, esmagados pela superioridade numérica do inimigo, foram coagidos a ceder terreno em tôda a linha, perdendo bastantes peças de artilharia.

A 45.ª divisão de linha e as 55.ª e 56.ª divisões de reserva, que haviam entrado em fôgo entoando a Marselhesa, ficaram quási totalmente destroçadas pela energia do contra-ataque alemão.

A situação tornou-se verdadeiramente crítica.

Maunoury havia reclamado o auxílio dos ingleses, mas estes progrediam com lentidão, atingindo o Petit Morin sómente na noite de 7, tendo à sua direita o 5.º exército francês empenhado em luta séria com a ala esquerda do I exército alemão, o qual no seu movimento retrogrado defendia o terreno com grande tenacidade.

Estes progressos dos aliados eram, porêem, insuficientes para aliviar os franceses da forte pressão de doze divisões alemães que nesse momento batalhavam no Ourcq. O general Joffre procurando fortalecer o flanco esquerdo da linha de batalha havia já ordenado a translação em caminho de ferro do Moza para o Ourcq do 4.º corpo de exército de Sarrail.

Mas, a despeito da bravura dos refôrços enviados, os fran-

ceses são mais uma vez forçados a ceder terreno perante o impetuoso movimento envolvente alemão, que o próprio Von Kluck dirigia para reparar o seu erro.

Betz, que constituía o ponto de apoio mais importante da ala esquerda de Maunoury, foi tomada de assalto; daí irromperam com furia os alemães, que avançaram por Villers-Saint Genert até Thury destroçando a 61.^a divisão da guarnição de Paris e o 4.^o corpo do exército de Serrail.

O corpo de landwehr, que avançara de Compiègne, chegou ao campo da batalha e o envolvimento do flanco esquerdo do 5.^o exército francês pelos alemães tornou-se uma realidade.

Os ingleses haviam passado no dia 8 o Petit Morin, conjuntamente com parte do 5.^o exército francês (Franchet-d'Esperey), que ocupou Mont-mirail, proseguindo mais activamente na sua marcha ofensiva sobre o Marne, a despeito da resistência teñaz da cavalaria alemã, que sacrificava algumas unidades na defeza obstinada dos pontos de apoio mais vantajosos do terreno.

*
* *

Estavam esgotadas as últimas reservas de Maunoury; e os restos do 6.^o exército estropeados, cheios de cansasso, mercê de três dias e três noites de combates iucessantes, mal poderiam parar o último golpe que os alemães necessariamente vibrariam com fôrças superiores.

O general Joffre, informado da situação crítica do exército Maunoury, ordenou terminantemente a resistência até ao último homem.

Um recúo precipitado do 6.^o exército haveria comprometido o resultado da batalha, expondo a França a uma ruina quási certa

Era forçoso ir até ao fim, sacrificando tudo pela salvação do país.

No dia 9 de setembro, o mais terrível de todos para o exército Maunoury, combatia-se furiosamente de parte a parte.

Os franceses resistem com uma heroicidade spartana nos bosques, nas povoações, nas cortaduras naturais, agarrando-a

afincadamente a todos os acidentes do terreno, que lhe proporcionassem vantajosos pontos de apoio.

Numa proclamação extremamente enérgica, Maunoury havia lançado uma frase lapidar, que exprimia febrilmente a expressão viril, heroica de levar a resistência dos franceses até ao derradeiro sacrifício:

«Là où l'on ne pourra avancer, on se fera tuer sur place».

Após cinco dias e cinco noites de lutas porfiadas, home-ricas, sem tréguas, sem descanso, os franceses extenuados, famintos, exaustos, cheios de febre, de sono e de sede, estiveram a ponto de sossobrar perante a violência dos contra-ataques teutónicos dirigidos com fôrças superiores por Nauteuille-Handouin.

O espírito superiormente providente de Gallieni evitou ainda o desastre, salvando a situação.

Das últimas tropas da guarnição de Paris pôs em ordem de marcha a 62.^a divisão de reserva, agregou-lhe alguns milhares de soldados escolhidos em todos os quartéis da capital, prefazendo um efectivo de 20.000 homens, aproximadamente, e enviou-os de reforço a Maunoury em 5.000 auto-taxis e camions automóveis, movendo-se a tóda a velocidade para o campo da batalha.

Este providencial reforço chegou, felizmente no momento oportuno, apoiando as tropas extremamente fatigadas pela violência de tão prolongada luta.

O furioso ataque alemão foi sústado, parando na linha Semlis-Creil o movimento envolvente dirigido por Von Kluck ao flanco esquerdo do 6.^o exército.

Mas, os franceses não podiam ainda estar seguros da vitória.

A superioridade numérica dos alemães continuava a ser uma ameaça séria para o exército Maunoury.

Neste supremo lance a grande alma francesa faz apêlo a tódas as energias da sua raça guerreira para uma resistência à *outrance*; e quando todos se dispõem para continuar no dia seguinte a luta sangrenta das jornadas precedentes, o alvorecer do dia 10 de setembro trouxe-lhes a agradável surpresa, o grande alivio e a forte emoção de ver deserto o campo inimigo.

Os alemães haviam batido em retirada e a vitória do Ourcq assegurava o triunfo decisivo dos franceses na grande batalha do Marne.

Qual a causa determinante dêste súbito desaparecimento dos alemães no momento em que a vitória parecia prestes a coroar os seus esforços no Ourcq?

Hipóteses sôbre a retirada dos alemães

Duas versões diferentes se apresentam para explicar a retirada alemã sôbre o Aisne.

Uma dessas versões filia o movimento retrogrado de Von Kluck, no perigo que êste general viu no avanço do exército inglês e do 5.º exército francês, os quais desde que atravessaram o Petit-Morin e se aproximaram de Chateau Thierry poderiam tomar de revés e tornar crítica a situação do I exército alemão, desastre a que êle se subtraiu executando uma hábil retirada a coberto duma forte guarda da retaguarda, estabelecida entre Bonneuil-en-Valois e Auteuil-en-Valois, a O. de Villers-Cotterets.

Outra versão atribui a retirada para o N. do Aisne a uma ordem expedida do grande estado maior alemão em 8 de setembro, determinada não só pela situação que a manobra de Maunoury inesperadamente criou, desorganizando sobremaneira a ordem de batalha, mas à falta de reservas estratégicas e à insuficiência dos meios de transporte rápido duma quantidade enorme de munições para prover às impreteríveis necessidades duma luta demorada, que poderia redundar num sério desastre para as armas imperiais.

Contraditando a primeira versão alegam alguns críticos que no dia 9 de setembro, o exército do general Von Kluck, que na sua maioria era constituído por tropas da elite, deveria atingir na batalha do Ourcq um efectivo aproximado de 200.000 homens, com numerosa artilharia, compreendida a força do corpo de landwehr, chamado de Compiègne no dia 6,—e, conseqüentemente, dispunha da superioridade tática e estratégica para triunfar dos últimos arrancos da resistência francesa.

Mercê da rapidez das monobras de Von Kluck, que pôs

em jogo êstes importantes elementos, a situação estratégica havia mudado a seu favor depois do dia 7, em que conseguira envolver o flanco esquerdo do 6.º exército francês, tomando-lhe uns 50 canhões, fazendo-lhe milhares de prisioneiros, ocasionando-lhe enormes perdas e repelindo-o até Silly le Long.

Em todo o dia 9, o I exército alemão conservou a liberdade dos seus movimentos a N. do Marne, cuja passagem ao exército inglês e à ala esquerda do exército de Franchet d'Esperey era dificultada pelas fortes guardas da retaguarda dos 3.º e 9.º corpos do exército de Von Kluck, apoiadas por tôda a cavalaria do general Marwitz e pela do general Richtoffen.

Nestas condições bastaria que na madrugada de 10 o I exército alemão fizesse um pequeno esforço para vencer qualquer resistência dos restos do 6.º exército francês, extremamente debilitados, sem reservas e sem a consistência precisa para aguentar uma nova investida teutónica.

Uma vez esmagado o exercito Maunoury, Von Kluck com as forças disponíveis e com alguns reforços que vinham da Lorena conteria facilmente os ingleses e a ala esquerda do 5.º exército francês, restabelecendo a completa ligação com o II exército (von Bulow), que, nesse momento, se defrontava com a ala direita do 5.º exército francês e com a ala esquerda do 9.º exército (Foch).

A batalha geral prosseguiria então em condições vantajosas para os alemães.

Idêa geral da batalha do Marne

Para apreciar com um certo rigor os elementos justificativos da segunda versão e vêr se podem considerar-se mais plausíveis os fundamentos em que ela se baseia, convêm analisar rapidamente os episódios ou factos mais importantes da grande batalha do Marne.

Esta batalha desenvolveu-se na quasi totalidade da frente estratégica dos exércitos anglo-franceses, numa extensão de 250 quilómetros, aproximadamente, desde St. Die em que se apoiava a ala esquerda do 1.º exército francês até Nauteuil-

le-Haudouin, em que combatia o flanco esquerdo do exército de Maunoury.

O verdadeiro centro da ordem de batalha foi constituído pelo 4.º e 9.º exércitos franceses, cuja ligação era estabelecida pela 9.ª Divisão de cavalaria.

Segundo a ordem do generalissimo Joffre, a batalha devia iniciar-se pela passagem do exército anglo-francês a uma vigorosa ofensiva na madrugada de 6 de setembro de 1914.

A batalha começou com maior violência na ala direita dos alemães, visto que o exército de Von Kluck, já atacado de flanco, foi o primeiro a chocar-se de frente com os anglo-franceses, circunstâncias que o determinaram a procurar obter resultados mais rápidos na frente, manobrando depois destramente para se subtrair ao envolvimento preparado por Gallieni e tentado por Maunoury no Ourcq.

O movimento retrogrado dos 2.º e 4.º corpos do I exército alemão aliviara o exército inglês e a extrema ala esquerda do 5.º exército francês da forte pressão exercida por Von Kluck na manhã do dia 6.

As restantes forças do 5.º exército (Franchet d'Esperey) haviam combatido nesse dia contra os 3.º e 9.º corpos do I exército alemão e contra o 9.º corpo do II exército alemão (Von Bulow), a S. da linha Moutmirail-Esterney.

O II exército alemão cooperou eficazmente para desprender do combate os 3.º e 9.º corpos do exército de Von Kluck, mandados para a região do Ourcq, a fim de decidirem a batalha ali travada.

Von Bulow cobriu então o seu flanco direito com dois corpos de exército judiciosamente escalonados nas proximidades de Montmirail, frente a S. O., onde no dia imediato combateram com vantagem contra a ala direita do 5.º exército francês.

As guardas de retaguarda de Von Kluck, apoiadas por fortes massas de cavalaria, faziam frente ao exército inglês e à extrema ala esquerda do 5.º exército francês, que na noite de 7 haviam alcançado o Petit Morin.

O pêso da batalha, a parte da linha onde incidiu o principal esforço teutónico foi o centro do dispositivo francês, especialmente o 9.º exército do comando do Foch.

Os II e III exércitos alemães aí exerceram violenta pressão a partir do dia 7.

A ala esquerda de Foch foi atacada neste dia com grande energia por Bulow, e só a oportuna intervenção de dois corpos do 5.º exército, que acudiram em auxílio evitou que aquela ala sofresse um grave desastre.

Foch contra-atacou no dia 8 com algumas divisões da sua ala direita, manobrando com habilidade para penetrar no intervalo aberto entre o II e o III exércitos alemães e separa-los; mas, mercê dos impetuosos movimentos de avanço do 10.º corpo e dos dois corpos da guarda imperial alemã, que atravessaram a região pantanosa de Saint-Gond debaixo duma chuva de projecteis da artilharia francesa, teve de retroceder com grandes perdas, seguido pela guarda imperial e pela ala direita do III exército alemão, perdendo Sézanne e La Fére Champenoise, chave da posição francesa o que facilitava o envolvimento da ala direita do 9.º exército e a ruptura do centro da ordem de batalha dos aliados.

O 11.º corpo francês cobriu-se aí de gloria, sustentando-se heroicamente contra o fogo terrível dos obuses alemães, rechaçando tres vezes o inimigo de La Fére Champenoise, que a guarda imperial voltou a ocupar pela quarta vez.

O generalissimo Joffre lançou nesse ponto a sua ultima divisão de reserva, que, seguida dos restos do valoroso 11.º corpo, tentou ainda reaver a chave da posição, mas dizimada por um mortífero fogo de flanco das metralhadoras alemãs teve de retroceder com graves perdas.

Sob a acção combinada dos corpos da ala esquerda do II exército e dos corpos da ala direita do III exército alemão, a ala direita do exército de Foch, em grave risco de ser envolvida, retira até ao arroio de Maurienne na direcção do rio Aube, havendo retrocedido 10 quilómetros no espaço de três dias.

A ala esquerda do III exército e o IV exército alemão, tendo ocupado a linha Vitry le François—Heiltz—Sermaise, conseguiram quebrantar a ala esquerda do 4.º exército francês, que retrocedeu até Humbauville e Sompuis no dia 8 de setembro, em que este exército correu o risco de ficar esmagado.

Um grande intervalo ou abertura, equivalente a 20 quilómetros, entre La Fére Champenoise e Mailly separava no dia 9 de setembro o 4.º do 9.º exército francês.

A ruptura central do exército aliado estava iminente na direcção de Arcis sur Aube-Troyes.

Se à retaguarda dos III e IV exércitos alemães estivesse uma reserva estratégica para explorar o exito tactico obtido, tornando uma realidade essa ruptura, a linha de batalha de Joffre seria scindida em dois grandes grupos, ficando encurralados entre o Sena e Paris os 5.º e 9.º exércitos e entre o Ornain e o Moza os 2.º e 4.º exércitos franceses.

Mas, em lugar de prosseguirem o seu movimento ofensivo, depois dos exitos alcançados, os exércitos alemães principiaram desde 10 de setembro a realizar com todo o método e bôa ordem em dias sucessivos, a partir da direita para a esquerda da sua extensa ordem de batalha, movimentos retrogradados sôbre o rio Aisne, determinados pelo seu grande estado maior.

Sustentam alguns críticos que este importante órgão do comando supremo, não obstante a superioridade tactica manifestada pelo seu exército não deixou completar a batalha, renunciando à decisão por considerações importantissimas de ordem geral.

Assim, dois corpos de exército da ala direita haviam sido mandados em 20 de agosto à frente oriental; o 6.º exército composto de quatro corpos estava em frente de Nancy; o 7.º corpo de reserva cercava Maubenge; Anvers resistia ao cêrco e a sua guarnição julgava-se forte para fazer sortidas; diversas vias de comunicação estavam interrompidas carecendo de reparações nas pontes e nos tuneis, o que dificultava o abastecimento de provisões e o transporte rápido de munições de que na guerra moderna se faz um consumo extraordinário.

Alem disso, as operações na frente oriental e os grandes preparativos militares da Grã-Bretanha não eram isentos de sérias apreensões.

Eis as razões ponderosas que se afirma haverem actuado nas resoluções do grande estado maior alemão, o qual não quiz jogar a sorte da campanha, o resultado final da guerra, numa cartada arriscada, embora com a sua pretendida retirada estratégica fosse levantar extraordinariamente a força moral do exército francês, fazendo renascer nêle a consciência da sua fôrça e inflamando o seu espírito guerreiro.

*

* *

Da rápida exposição dos factos mais importantes ocorridos na batalha do Marne e da apreciação serena dos elementos de maior valôr, que nela intervieram, poderá concluir-se que nessa batalha a superioridade da situação estratégica cabia aos franceses, mas a superioridade tática estava do lado dos alemães, que o generalissimo Joffre difficilmente poderia fazer cair nas malhas do envolvimento duplo, atentas as qualidades manobradoras de exército tão sólido, disciplinado e valoroso como era o constituído pelo primeiro escalão das tropas germanicas em 1914.

O que salvou a situação e deu o triunfo aos aliados foram as altas qualidades guerreiras da raça francesa, foi a extraordinária energia dos seus soldados no ataque e na defesa, a sua inexcedível bravura no combate, a sua elevada tempera moral, o seu amor pátrio e o seu grande espírito de sacrifício.

Foi o conjunto de tôdas estas qualidades que levou os franceses a resistir à *outrance*, agarrando-se ao terreno, defendendo-o com o seu sangue, com a sua vida, com todo o seu heroismo.

Esta resistência tenaz no combate deu tempo a que successivos reforços acorressem de tôda a parte à linha de fogo no Ourcq, tornando-se manifesta, claramente visível, nesse momento crítico para a França, a importância do automobilismo, que havendo prestado relevantes serviços no decurso da batalha, corôou a sua obra transportando a tôda a velocidade ao campo da luta os últimos 20.000 combatentes aproveitáveis da guarnição de Paris.

Foi exactamente no decurso dos cinco dias que durou a denominada *batalha do Ourcq*, sem duvida o maior e mais interessante episódio da gigantêscas batalha do Marne, que se evidenciou pela primeira vez a excelência dos serviços prestados pelo automobilismo em campanha.

Gallieni, que, pela clara visão da situação creada, despedira no momento oportuno um certo golpe sôbre o temível adversário, soube sustenta-lo com tôda a energia própria da grandeza do lance.

Pela presteza e rapidez com que utilizou milhares de automóveis e outras viaturas pôde fazer intervir no pleito sangrento do Ourcq a quasi totalidade da guarnição militar de Paris, salvando o exército de Maunoury, o qual ameaçado, a seu turno, de envolvimento pelos sucessivos esforços teutónicos, principiava a fraquejar, cedendo terreno a N. de Nanteuil.

Foi incontestavelmente o emprego das viaturas automóveis conduzindo sucessivos reforços ao exército de Maunoury, empenhado numa luta desesperada, que fez, como que num inesperado bafejo da sorte, mudar a face da guerra, salvando Paris das garras do invasôr.

O movimento retrogrado da ala direita de Von Kluck generalizou-se em poucos dias a tôda a frente de batalha alemã sôbre a linha do Aisne, intrincheirando-se desde logo em sólidas posições defensivas, apoiadas nos rios Oise, Aisne e Sambre.

(Continúa).

ADRIANO BEÇA

General

Serviço sanitario em campanha

O posto de socorros. — A hygiene dos campos de batalha. —
O papel do cirurgião de trincheira.

Por julgarmos sumamente interessante e oportuno vamos traduzir o Relatório enviado ao Ministerio da Guerra do Perú pelo capitão medico, Dr. Max Arias Schreiber em comissão na Europa.

Este distinto médico peruano visitou o hospital militar francês do Val de Grace, onde o director deste hospital, o Dr. Puysens, assim como o Dr. Vincent e Dr. Avignac, lhe ministraram notáveis e preciosos esclarecimentos. No hospital franco-peruano de Paris e em diversas ambulancias recolheu também esclarecimentos importantes, e foi com todos os diversos meios de informação e de observação pessoal, que o referido medico elaborou o seu relatório, do qual vamos extrair o mais importante.

«A guerra de posição, dando a cada batalhão um sector, obrigou o medico nas 1.^{as} linhas a fazer do *posto de socorros* uma *formação sanitaria*.

As circunstancias especiais em que se encontrou o medico obrigou-o a desempenhar-se do triplice papel de *cirurgião, medico e higienista*.

a) *Posto de socorros ; sua organização.*

Uma das missões primordiais do serviço sanitario regimental foi pôr os feridos ao abrigo do fogo do inimigo, e para isso carecia o posto de socorros de ser uma instalação resistente e solida, tendo-se portanto de construir no centro do sector ocupado pelo batalhão um refugio vasto, bem protegido por uma espessa camada de toros de madeira e de sacos de terra e preservado da humidade por meio de cartão betuminado e chapas de zinco. Quando as trincheiras estavam

proximas de uma povoação, então era instalado numa cave grande, de preferencia abobadada e o mais longe possivel dos sectores bombardeados.

O medico no posto de socorros só tinha à sua disposição o material necessario regulamentar do seu batalhão e era com este material que organizava o posto. Todo o posto de socorros era constituido por duas salas: uma de curativo, e outra para a recepção dos feridos. Todo o mobiliario da sala de curativo se reduzia a uma mesa de curativo e a um pequeno armario. A mesa de curativo mais frequentemente empregada era uma modificação do modelo preconizado por Chastanet e Recourat: uma maca inutilizada, cuja tela era substituida por uma série de taboas transversais, e cuja face inferior apresentava um dispositivo que permitia tirar qualquer dessas taboas, segundo a necessidade, sem que por isso a mesa perdesse a solidez e fixidez.

Também se empregou como mesa o suporte Dujardin Beaumetz.

Na sala para feridos eram recolhidos aqueles que haviam recebido o primeiro curativo e ali aguardavam o momento propício para serem evacuados.

Nas proximidades de cada sector medico colocavam-se uns cartazes com caracteres brancos em fundo preto, indicando o sitio por onde os feridos leves deviam seguir para encontrar o posto de socorros. O transporte dos feridos graves era uma operação delicada, em virtude da estreitesa das trincheiras e da irregularidade dos meios de comunicação. Para este transporte se empregava em geral a maca universal, que permitia a evacuação dos feridos na posição sentada ou encostada.

Nas trincheiras construia-se uma *trincheira de evacuação*, que era mais larga e isenta de sinuosidades. Segundo as mesmas bases do serviço de estafetas, se tinha organizado o serviço de maqueiros, distribuido sobre o caminho, em que em sentido inverso se estabelecia um serviço de macas livres.

Em todos os postos de socorros havia muletas para os feridos que tinham feridas nos membros inferiores, de forma a permitir que eles pudessem dirigir-se para as *ambulancias*, onde começava o serviço de transporte por automoveis, facilitando assim a descongestão do posto de socorros.

b) *A higiene.*

Os medicos de batalhão e seu pessoal, como diz Vergnes, teem de, não só de curar os feridos e cuidar dos enfermos, mas devem vigiar a higiene dos combatentes, por isso que as tropas teem de viver no meio de dejectos de toda a especie, no meio das moscas, e terão de beber muitas vezes água contaminada.

Das diversas medidas higienicas, a que mais preocupou os medicos era a esterilização da água, para evitar a aparição da tifoide e paratifoide, das infecções intestinais e desinteriformes do colera.

Procedia-se portanto à selecção das águas, cooperando nesta operação o medico regimental, o bacteriólogo e o toxicologo.

Reconhecida a potabilidade da água de uma fonte, estabelecia-se um perímetro de protecção, constituido por uma rede de arame.

Nos casos em que não havia fontes de água potável, e os homens tinham de recorrer a uma ribeira, o medico tomava as medidas para reduzir ao minimo as possibilidades de infecção. Para desembaraçar a água dos seus germes patogenicos, se empregava a esterilização pelo calor. Os cozinheiros preparavam no inverno infusões de café ou de chá, que distribuiam aos homens ao mesmo tempo que os alimentos. No verão a esterilização fazia-se de preferencia pelos agentes químicos, e foram empregados varios.

Fourneau e Langlois recomendavam o permanganato de potassio; Vernaux, a tintura de iodo; Vincent, o hipoclorito de soda; Ferrand, o hipoclorito com água oxigenada; Roux e Gautier, o sulfato ferroso.

Na frente distribuia-se aos soldados a água permanganatada ou a água de Javel. O permanganato tem a vantagem de acusar a completa esterilização da água pelo aparecimento de uma ligeira coloração rosada.

O excesso de permanganato neutraliza-se por meio de algumas gotas de hiposulfito de sodio. A água de Javel foi também empregada, mas tem o inconveniente de exigir uma cuidadosa verificação, pois pode ser insufficiente, ou ser perigosa quando em excesso. Era nos laboratorios das formações sanitarias que se fazia a dosagem do cloro activo necessario para

a esterilização de uma determinada quantidade de água. Segundo as experiências de Goret, tornava-se necessário cobrir de resina as paredes internas dos toneis que serviam de reservatório de água para que a javelização se pudesse fazer eficazmente.

Alem da depuração química, ainda durante a guerra se recorreu à esterilização ou clarificação por meio de filtros.

O filtro mais geralmente empregado no exercito francês foi o que inventou o Dr. Binet. Este filtro era constituído por um recipiente de 20 litros de capacidade, aberto na parte superior, e no fundo havia um buraco no qual se metia um filtro improvisado por uma caixa de folha, na base da qual existe umas pequenas aberturas e cuja tampa está hermeticamente fechada. A face inferior desta tampa é fixada por meio de uma mola na parte inferior da qual se adapta uma porca suficientemente comprida para atravessar o fundo da caixa e ser fixada exteriormente por meio de uma rodela de couro e um pequeno parafuso. A caixa de filtro está cheia de algodão esterilizado e comprimido, disposto em muitas camadas.

O fundo do recipiente mete-se na água, que se quiere filtrar, levantando-se a tampa do filtro por meio de uma corrente. O recipiente enche-se então de água filtrada através do algodão. Depois de cheio o recipiente, fecha-se o filtro com a tampa, podendo-se transportar no proprio filtro a água esterilizada.

O Dr. Vincent diz que esta água está clarificada, mas que deve ser esterilizada por meio do permanganato de potassio, a que se deve adicionar uma pastilha de hipoclorito de calcio e umas gotas de iodo. Em cada sector havia 2 toneis, para que houvesse um com água esterilizada e outro com água em principio de esterilização, pois só passadas 24 horas depois de feita a operação, é que se deve distribuir a água. Quando se queria utilizar a água duma ribeira, fazia-se uma represa e collocavam-se sobre pedras vários recipientes, tendo no fundo uma camada de algodão, que permitia a clarificação da água, à qual se juntava então permanganato ou iodo.

Para diminuir as probabilidades de uma infecção procurava-se manter o mais possível a limpeza do corpo dos homens e para isso instalavam-se a curta distancia das 1.^{as} li-

nhas estabelecimentos de banhos. Os *duches* eram individuais ou colectivos.

Como os *insectos* são muitas vezes os transmissores do tifo e da febre recorrente, procurava-se destruir os insectos para o que se desinfectava a roupa com substancias insecticidas. Uns, como Jusseaume, preconizavam o fumo do tabaco, outros o eucalipto, e ainda a imersão da roupa durante dez minutos em creosote ou em anisol. Também se tratava a roupa pelo calor, metendo-a em água a ferver. Algumas vezes se utilizava o calor desenvolvido nos *fornos crematorios*, metendo-se a roupa em camaras contiguas, tendo sido previamente desinfectada pelo formol. Para os capotes e calças empregava-se o anidrido sulfuroso ou o aldehide formico gasoso. Os soldados levavam consigo, para as trincheiras pequenos sacos com canfora ou com naftalina.

A *inumação dos cadaveres* nas 1.^{as} linhas merecia também serios cuidados, sendo este assunto tratado logo no começo da guerra pelo Conselho superior de higiene de França e pela escola de Alfort. Em geral, procedia-se da seguinte forma: Logo que os maqueiros levantavam os cadaveres e procediam à sua identificação, eram estes inumados num local do sector que estivesse afastado dos pontos onde se ia buscar água e que estivesse o mais possível ao abrigo dos bombardeamentos. Aberta a fossa, colocava-se no fundo desta uma camada de troncos ou ramagem, sobre a qual se colocava o cadaver, e sobre este varias camadas de papel betuminado. Quando não havia tempo para fazer enterramentos, lançavam-se sobre os cadaveres soluções de cloreto de calcio, de creosote, de sulfato de ferro, de permanganato de potassio, etc.

Também a *incineração dos detritos* mereceu os cuidados dos medicos militares. Para isso empregavam-se fornos especiais, bastando um com a capacidade de 1^m3 para cada 1.000 homens.

As *retretes* eram constituídas por fossas de 1^m,5 a 2^m de profundidade e que se tapavam para evitar que as moscas viessem pousar nas dejeções. Estas retretes eram todos os dias desinfectadas com cloreto de calcio, ou com creosote.

A permanencia dos homens nas trincheiras fizeram desenvolver epidemias palúdicas que foram observadas nos Vos-

gos pelo Dr. Gauget, no norte da França pelo Dr. Rathery Michel e no Vale da Seille pelo Dr. Etienne.

Para evitar essas epidemias, destruíam-se os mosquitos e as suas larvas por meio de petróleo, e os soldados esfregavam diariamente a pele com essencia de terebentina contras as picadas dos mosquitos.

A incineração dos detritos e limpeza das trincheiras, a proibição absoluta de lançar por cima dos parapeitos restos alimenticios, muito contribuiu para o desaparecimento das moscas. Ainda se empregava para a destruição destas, soluções de formol, que tem a propriedade de atrair e destruir as moscas.

A *destruição das ratazanas* mereceu também muita atenção, por isso que, além dos estragos que fazem como roedores, são transmissoras de algumas enfermidades infecciosas. Recorreu-se a varios processos para destrui-las: gases asfixiantes, à acetilena, ao aldeide formico gasoso, aos vapores de sulfureto de carbono e ainda a uma pasta, cuja formula era: farinha... 25 gr.; gorduras... 60 gr.; esquilla em pó... 15 gr.; tintura de aniz... 15 gotas. Esta pasta é facil de fazer por isso que a esquilla (cebola albarrã) é abundante no nosso país.

Também se empregavam os cães de ratas, mas como se dessem alguns casos de raiva, deixaram-se de empregar os cães.

c) *A cirurgia e a medicina no posto de socorros.* Nos postos de socorros a acção cirurgica é muito limitada: curativo de feridas; cuidados imediatos a prodigalizar aos feridos; aplicação de aparelhos simples e provisorios para fracturas. As operações cirurgicas realizadas nos postos de socorros durante a guerra, reduziram-se à traqueotomia por asfixia iminente em certas feridas da laringe, amputação de um membro quási arrancado do tronco, e hemostases. Estas ultimas foram as mais frequentes, tendo os enfermeiros e maqueiros recorrido ao torniquete para fazer cessar as hemorragias. Este processo deu logar a desastres, e por isso recorreu-se à compressão da ferida por ligaduras, ou à obliteração ou torsão do vaso.

A desinfecção das feridas era a maneira de evitar as infecções internas e a gangrena gasosa. Nos postos de socorros

os médicos extraíam os corpos estranhos que sujavam a ferida por meio da pinça de Kocher, e que servia simultaneamente de instrumento explorador e extractor. Este cuidado evitou desenlaces fatais.

Numerosos foram os antissépticos empregados no tratamento das feridas: álcool, tintura de iodo, água formolada, água oxigenada, oxicianeto de mercúrio; ainda se empregou o líquido de Dakin e a essência de petróleo, que era recomendada pelo Dr. Eymard. Os franceses empregavam 3 tipos de *pensos de curativo individual*: o *grande*, destinado às feridas do tórax, do abdômen, da pelvis; o *medio*, para as feridas do pescoço, da coxa e da parte superior das pernas; o *pequeno*, para as feridas dos membros superiores.

No caso de faltarem os pensos, os Drs. Perier e Weil, aconselhavam o emprego de um lenço, previamente molhado e passado com um ferro quente, o que é suficiente para a sua esterilização.

No caso de uma fratura, a ferida era cuidadosamente desinfetada, procedendo-se em seguida à imobilização do membro fracturado por meio de aparelhos improvisados.

Eram empregadas talas de madeira, ou as goteiras, que nunca faltaram nos postos de socorros.

Nos postos de socorros procedia-se à *classificação* dos feridos em 3 grupos: feridos que deviam ser curados imediatamente; feridos que não necessitavam intervenção cirúrgica; feridos que deviam ser evacuados logo.

Nos postos de socorros aplicavam-se injeções de soro antitetânico.

Para o tratamento dos homens atacados pelos *gases asfixiantes* havia nos postos de socorros: ipecacuanha, hipossulfito de sódio, salicilato de sódio, digitalina, ampolas de azeite com canfora e éter, balões com oxigênio, seringa de Pravaz e um oxigenador improvisado. Quando os gases produziam edemas agudos no pulmão, empregava-se imediatamente a sangria.

A oxigenoterapia nos asfixiados graves deu excelentes resultados. O oxigênio era ministrado ou por meio de inalações ou por injeções subcutâneas.

Injectavam-se de um a dois litros de oxigênio. Os ingleses empregavam de preferência o salicilato de sódio, como

neutralizador do cloro. Os franceses empregavam também a ipeca e o hiposulfito de sodio.

O medico do posto de socorros não podia tratar os homens que necessitavam uma immediata evacuação, como eram os atacados de febre tifoide, paratifoide, febres eruptivas, paludicas, meningites cerebro-espinaes, etc.; mas observavam a maneira como o organismo reaccionava na vida das trincheiras.

A êste respeito fizeram-se curiosas observações. Assim, relativamente ao *aparelho circulatorio*, reconheceu-se que muitos mitraes e aorticos suportaram sem desfalecimentos a vida de campanha. Contudo apresentavam-se casos de desfalecimentos cardiacos como consequência de insolução, e crises de taquicardia paroxística em seguida a uma emoção muito intensa. A aptidão funcional dum cardiaco depende do estado do miocardio, da compensação ou não compensação da lesão, do grau de hipertrofia cardiaca e da existência dos pequenos sinais de hiposistolia. Relativamente ao *aparelho respiratorio*, mereceu a atenção dos medicos dos postos de socorros as *hemoptises*, que se manifestaram na presente guerra em numerosos enfermos. Essas hemoptises nem sempre estavam em relação com a tuberculose pulmonar. Umas eram de origem toxica, produzidas pelos gases asfixiantes; outras eram de origem traumatica, a seguir a feridas do torax; e ainda outras eram indirectas, e de que eram vitimas os homens na proximidade dos quais rebentava uma granada de grosso calibre, sem determinar neles traumatismo algum. A *emetina* deu excelentes resultados no tratamento das hemoptises, quando aplicada em injecções.

Emquanto a doenças do *aparelho renal*, manifestaram-se duas especies de albuminuria: a *latente* e a *massiva*. A primeira é pouco abundante e desaparece no fim de alguns dias, reconhecendo-se pela analyse da urina. A segunda, observada nas trincheiras, apresentava-se com todos os caracteres de uma nefrites aguda com edemas, manifestando-se abundante quantidade de albumina nas urinas, e produzindo-se vomitos, diarreas e manifestações nervosas.

A albuminuria latente era devida à prolongada estação de pé, ao frio e ao regime excessivamente carnivoro da alimentação.

A albuminuria massiva resulta de uma infecção, que se pode localizar no rim, determinando uma nefrite aguda.

Durante o ano de 1917 observou-se no exercito romeno uma epidemia de *icteria*. Esta epidemia, assim como outras, que se apresentaram em França, foram devidas a uma infecção tifoide de localização hepatica, como se reconheceu nas hemoculturas que se fizeram e nas reacções aglutinantes e exames das feses.

A icteria infecciosa, segundo as observações do Dr. Inada, era devida a um *espirocheta*, que se ficou chamando de Inada, que foi quem o descobriu na urina dos enfermos. Tais epidemias se manifestavam pela existencia de um sindroma hemorragico representado por hipistasio, estomatorragias, hemoptises, hematurias, purpuras, etc.

A injeccão de culturas inoculadas nos coelhos reproduziram o quadro icterohemorrhagico infeccioso.

Os transtornos no *aparelho digestivo* mais frequêntes nas trincheiras foram a diarreia simples, a diarreia cerosa e a diarreia disenterica sanguinolenta.

Algumas vezes as enterites apresentavam analogias com o colera, dando logar a numerosos casos fatais: evacuações abundantes, intensas dôres abdominopelvianas, pulso fraco, astenia, ataques sincopais. Igualmente se manifestaram epidemias disentericas, sob as duas formas, amebiana e bacilar.

As variadas emoções que caracterizavam a vida dos combatentes exerceram uma influência nefasta sôbre o *sistema nervoso*. Como consequência dos bombardeamentos intensos e prolongados, deram-se vários casos de *neuroses* que obrigaram a evacuar os doentes para os centros de psiquiatria.

Estas reacções nervosas eram acompanhadas de modificações nos aparelhos cardiaco, vaso-motor e respiratorio. Os Drs. Camus e Nepper, empregando o metodo grafico, estudaram as modificações do ritmo cardiaco e respiratorio e do tremor dos vasos motores consecutivos a uma emoção, e reconheceram que a reacção emotiva está em relação com a excitabilidade do sistema simpatico ou do sistema pneumogastico. Este mesmo processo grafico é o aplicado aos candidatos ao serviço de aviação.

Muito interessantes são também as reacções do sistema nervoso cardiaco provocadas pelas emoções da guerra. A

maior parte das vezes ha uma excitação do sistema vago-bulbar, que se traduz por uma lentidão no pulso; outras vezes há uma excitação do simpatico com a aceleração do ritmo cardiaco.

No *sistema cutâneo* também a vida nas trincheiras exerceu acções importantes. Diferentes especies de dermatoses apareceram.

A *Sarna*, e principalmente a phtiriase, foram as dermatoses que foram mais frequêntes. A *ectima* também foi vulgar, a ponto do Dr. Chastanet considera-la como o *mal das trincheiras*.

O chamado *pé de trincheira* ou *pé gelado* manifestou-se principalmente nos sectores em que era difficil o esgoto da água e da lama, principalmente porque o bombardeamento destruia os trabalhos de drenagem.

O pé gelado dificultava muito as evacuações e diminuiu muito o valor militar das unidades. Muitas teorias se teem apresentado relativamente à patogenia desta lesão. Uns explicam-na por uma neurites; outros, por uma vascularites; outros ainda, atribuem-na a uma infecção.

Os sintomas que caracterizam o pé gelado são uns objectivos e outros subjectivos. Como sintomas objectivos havia o edema duro e roxo; as flictonas de líquido ceroso ou hemorragico, as escaras e às vezes a gangrena.

Como sintomas subjectivos era a dôr, que ia desde o simples adormecimento até às dores atrozes e insofriveis, que impediam ao doente de ir por seu pé até ao posto de socorros.

As medidas profilaticas adoptadas foram: esgoto das trincheiras, uso de botas impermeaveis, exercício continuado do pé e dos dedos nas botas. Em cada sector havia abrigos, onde os soldados nas horas de descanso se descalçavam e friccioavam os pés com uma solução alcalina ou boratada.

Quando porém não se podia evitar o pé gelado, os soldados tinham um tratamento especial nos postos de socorros. Os pés eram limpos, as flictenas eram abertas, e obrigava-se os soldados a executar exercícios do pé e dos dedos em flexão e em extensão. Para prevenir o tetano, era applicada uma injeção de sôro antitetanico.

Também se observava que os soldados fatigados por um

trabalho intenso e prolongado apresentavam temperaturas anormais.

O Dr. Tournad sôbre 700 soldados examinados encontrou 67 com temperatura superior a 38°; 17 com temperatura de 38,5 a 38,9; e 9 com temperatura entre 39 e 39,4, chegando às vezes a 40°.

O exame do pulso não tem sido menos precioso para avaliar a fadiga dos soldados. As mensurações esfigmomanometricas demonstraram a sua diminuição e os trabalhos do Dr. Hirtz permitiram encontrar a bradicardia. Estes phenomenos foram explicados por uma *surmenage* funcional das glandulas suprarenaes.

V. CESAR.



A organização e os dispositivos de combate de infantaria

NA

Grande Guerra

(Continuado da pag. 739, do LXXI ano)

III — O batalhão e a brigada

Os regulamentos anteriores à guerra deixavam grande liberdade aos comandantes das pequenas unidades (companhias, pelotões) na escolha das formações a adoptar nas diversas situações do combate. Esta doutrina, que havia tido a sua mais lata aplicação no Regulamento Francês de 1904, repercutiu-se no nosso Regulamento de 1912, que não fixa uma única formação de combate e nem sequer procura uniformizar e ordenar as evoluções em ordem extensa.

Tal princípio sofreu rudes ataques na imprensa militar francesa e o Regulamento de 1914 já é mais preciso e já procura pôr um pouco de *ordem* nos dispositivos de combate da companhia e do batalhão; o Regulamento inglês de 1909 (reimpresso em 1914) diz textualmente: «It is impossible, as well as highly undesirable, to lay down a fix and unvarying system of battle formations». A prática de poucos meses de guerra, fez-lhes porém reconhecer que era vantajoso, em tôdas as circunstâncias, ter sido estudada e regulamentada para o batalhão e unidades inferiores uma *formação normal de combate*.

A antiga teoria da *flexibilidade* da infantaria fez o seu tempo; deu lugar ao estudo das formações mais variadas em ordem unida e extensa. A companhia normal de instrução em Mafra foi exímia na sua execução; mas o trabalho daqueles que se applicaram a estudar essas formações resultou inutil,

por falta de *regulamentação*; passaram desapercibidas à quasi totalidade do exército.

Não quiere isto dizer que se não permita o uso de uma intelligente iniciativa aos comandantes das pequenas fracções. A acção do comandante de companhia, no campo de batalha moderno, é já tão difícil de se fazer sentir, uma vez empenhadas tôdas as fôrças em combate, que se torna necessário que os comandantes de pelotão e os comandantes de secção sejam treinados para na luta de infantaria contra infantaria, que se segue ao assalto, operarem, na maioria dos casos sem esperar ordens.

A existência de uma *formação normal de combate* regulamentada não equivale à existência de uma panacêa applicavel a todos os casos; na sua regulamentação devem ser previstas as necessárias variantes.

Já vimos qual era a formação normal para o assalto, no pelotão e na companhia; cada pelotão vem assim a fazer parte de uma *vaga de assalto*, á qual é attribuido um objectivo de terreno definitivo, atingido o qual, as tropas procuram fixar-se e consolidar-se, não lhe pertencendo continuar na progressão do movimento para a frente, o qual será levado a efeito por outras unidades. O princípio da continuidade de acção, a que haviam chegado os estudos teóricos do tempo de paz, no último quartel do século passado e que a nossa Escola de Companhia de 1899 enunciava dizendo "*Tropa empenhada jámais será rendida*" foi completamente posto de parte.

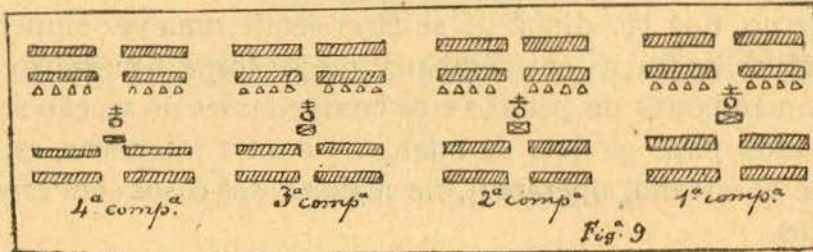
A companhia forma duas *vagas*¹ cada uma das quais recebe um objectivo distinto, o mais próximo para a 2.^a vaga, o mais afastado para a 1.^a vaga.

Ao batalhão podem ser attribuidos dois ou mais objectivos, em geral quatro. O batalhão, com dois objectivos, adopta a formação da fig. 9, movendo-se em duas vagas, a primeira para o objectivo mais afastado, a segunda para o objectivo mais próximo. Muitas vezes convirá conservar uma companhia como *reserva*, se a frente de ataque não ficar pouca densa, com três companhias, porque nesse caso poderá

¹ Tratamos das companhias quartenárias como são as inglesas e as francesas; não tratamos das nossas ternárias, que tudo indica não deverem subsistir.

ser lhe dada como reserva uma companhia de outro batalhão.

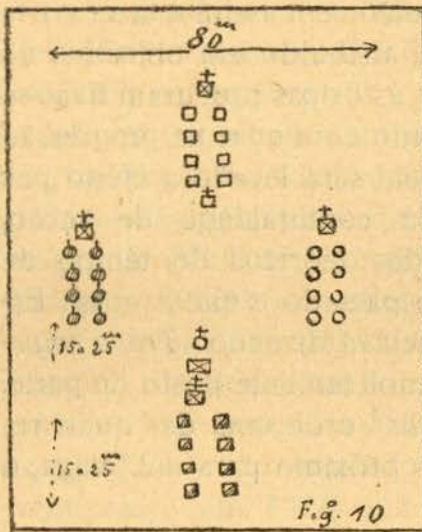
A formação de marcha da companhia de reserva é diferente, visto que se trata apenas de evitar o efeito dos fogos



adversos, embora se deva ter em vista a ulterior formação de combate. O pelotão dispõe as suas secções em xadrez (fig. 10), as quais marcham a 2, 4 ou a 1, conforme o terreno ou outras circunstâncias. A formação da companhia é em duas linhas, como para o assalto.

O batalhão com 4 objectivos dispõe duas companhias para 2 objectivos e as outras duas para os outros dois.

Se entre os dois pares de objectivos ha espaço suficiente para a barragem da nossa artilharia se poder deter sobre os dois objectivos mais afastados, depois de atingidos os mais próximos, às companhias da frente são atribuidos os objectivos



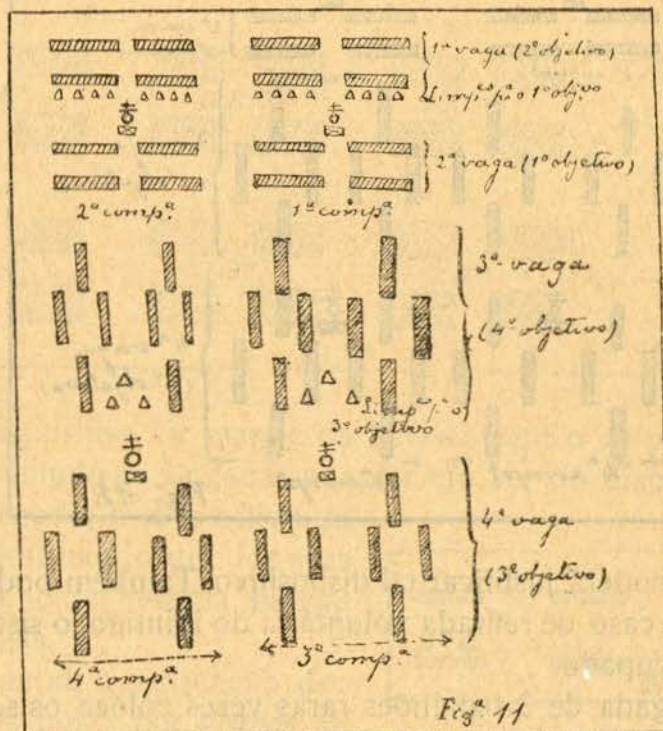
mais próximos, às companhias da cauda os objectivos mais afastados (fig. 11).

Em geral não será necessária *reserva*, porque a 1.ª e 2.ª vagas podem reformar-se, depois da 3.ª e 4.ª terem passado além dos objectivos daquelas; mas no caso de ser necessária, será formada por companhias de outro batalhão.

Se falta espaço para a barragem se deter, e ha probabilidades de poder a 1.ª vaga transpôr sucessivamente os três objectivos mais próximos, sem combate, o dispositivo a adoptar será o da fig. 11. A organização dos *limpadores* é muito

complicada e como a formação é difícil poder subsistir, se as primeiras vagas encontram inesperadamente uma resistência seria, é sempre conveniente dotar o batalhão com uma *reserva* formada por companhias doutro batalhão.

A uma Brigada¹ não deverão em geral ser atribuídos mais de 4 objectivos, correspondentes aos de um batalhão. O dispositivo a adoptar na Brigada de 3 batalhões será o da fig. 13;



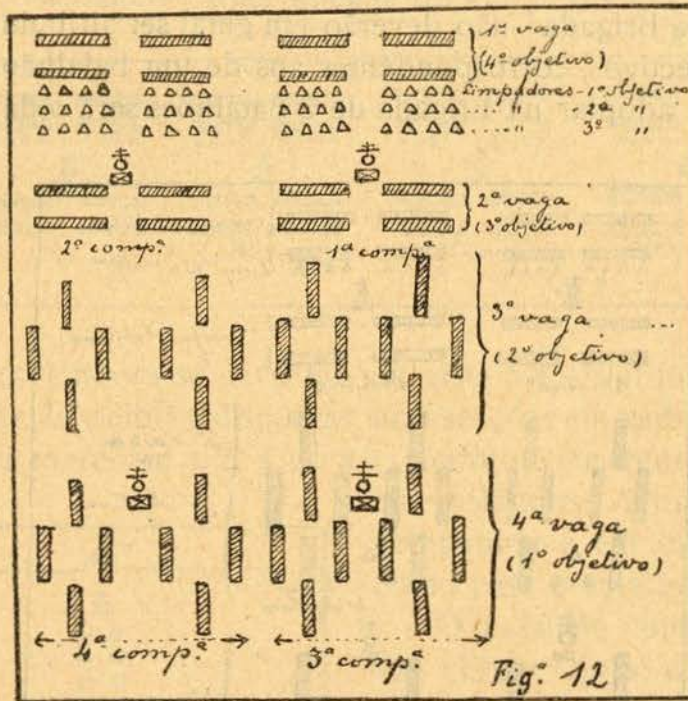
cada companhia do batalhão de reserva apoia directamente duas companhias dos batalhões da frente.

Se a Brigada tiver 4 batalhões, poderá, ou dispôr 3 batalhões na frente e um em reserva, ou 2 na frente e 2 em reserva. No 1.º caso a reserva é muito pequena; no segundo, muito grande. Por isso, para o ataque, a melhor organização da Brigada é a ternária.

A Brigada de 4 batalhões presta-se ainda a uma combinação interessante, que consiste em dar aos dois batalhões da

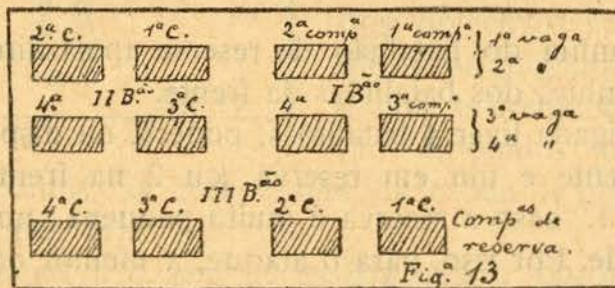
¹ Referimo-nos à Brigada à inglesa, com 3 ou 4 batalhões pertencentes a Regimentos diferentes e que operam tacticamente subordinados unicamente à Brigada. Equivale ao Regimento francês ou alemão.

cauda um grupo de quatro objectivos para além dos quatro objectivos dos batalhões da frente; mas só uma grande superioridade de meios de ataque, que dispensasse a existência de



reservas, poderá justificar tal dispositivo. Também poderá aplicar-se, no caso de retirada voluntária do inimigo, o sistema defensivo ocupado.

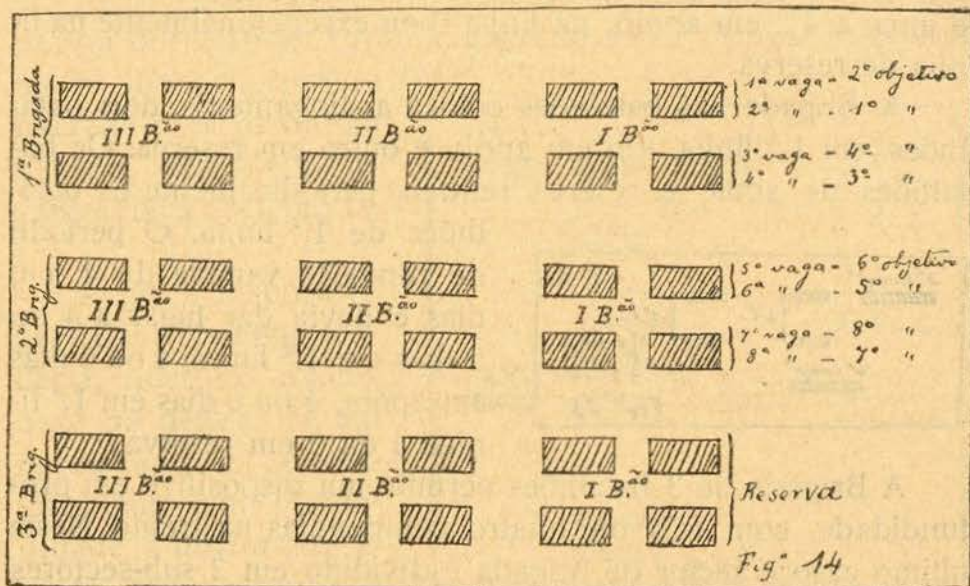
A Brigada de 3 batalhões raras vezes coloca os seus bata-



lhões em profundidade a não ser que lhe devam ser atribuídos oito objectivos. Os dois batalhões da frente operarão então como batalhões de Brigada quaternária, e o batalhão da cauda, como *reserva*.

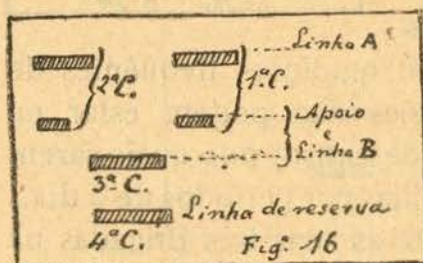
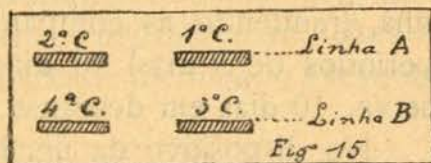
Oito objectivos, porém, receberá normalmente a Divisão a 3 brigadas; mas o dispositivo por Brigadas contíguas é ex-

cepcional, porque convém no projecto de ataque definir previamente na carta os objectivos a atingir por cada unidade.



O dispositivo de ataque da Divisão será o da fig. 14, podendo contudo as Brigadas adoptar em vez do dispositivo linear indicado, o dispositivo da fig. 13, destinando um dos seus batalhões para reserva parcial das 4 vagas.

Em geral, a atribuição dos objectivos faz-se por grupos, limitados em profundidade por traços de côres variadas (azul, amarelo, vermelho, etc...) na carta anexa ao projecto de ataque.



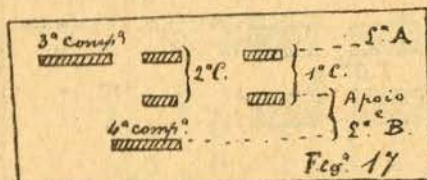
É a essa indicação pormenorizada que o sr. tenente coronel Freiria se refere a pág. 85 do seu livro «Os Portuguezes na Flandres».

Na defesa, o batalhão coloca normalmente duas companhias em primeira linha: uma em apoio, outra em reserva; mas por vezes, a configuração do terreno ou outras circunstâncias levam à adopção de alguns dos dispositivos das figs. 15, 16 e 17.

Na fig. 15 a 3.^a e 4.^a companhias são ambas apoio, por-

que a frente atribuída à 1.^a e 2.^a é muito grande; na fig. 16 o dispositivo é normal, a 3.^a companhia em apoio, a 4.^a em reserva; na fig. 17, o batalhão coloca 3 companhias em 1.^a linha e uma, a 4.^a, em apoio, na linha B ou excepcionalmente na linha de reserva.

A Brigada a 4 batalhões coloca análogamente, dois batalhões em 1.^a linha, um em apoio e outro em reserva. Os batalhões de apoio e reserva rendem periodicamente os bata-

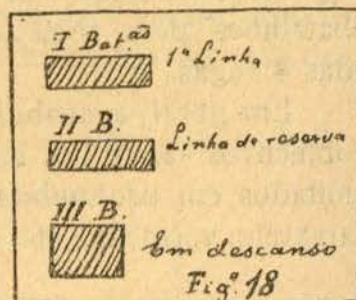


lhões de 1.^a linha. O período de renição variava de 4 a 6 dias e devia dar lugar a 4 ou 6 dias em 1.^a linha, 4 ou 6 dias em apoio, 4 ou 6 dias em 1.^a linha, 4 ou 6 em reserva.

A Brigada de 3 batalhões permite um dispositivo em profundidade, com três ou quatro companhias na frente. Neste ultimo caso o sector de brigada é dividido em 2 sub-sectores de batalhão, como na Brigada quaternária.

Os dispositivos adoptados constam das figs. 18, 19 e 20. Os períodos de renição são os mesmos e devem dar lugar: no dispositivo da fig. 18 os batalhões estão 10 dias em 1.^a linha, (rendendo as companhias por períodos de 5 dias) 10 dias em reserva, 10 dias em descanso.

No dispositivo da fig. 19 a renição não se faz por períodos tão regulares, mas deve procurar-se que os batalhões estejam na frente 20 dias e 10 em descanso. O dispositivo da fig. 20 só se aplica a sectores



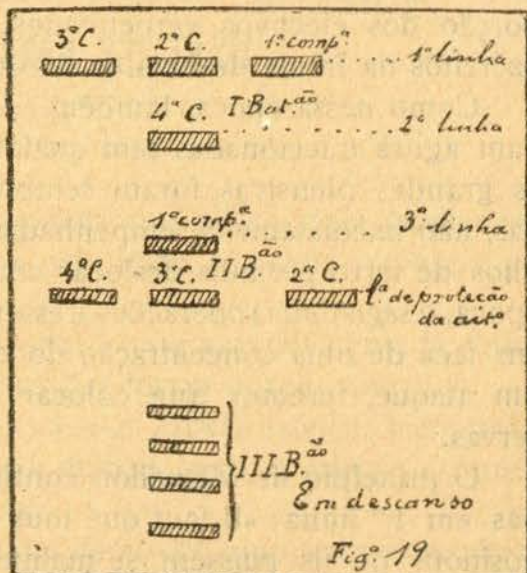
muito calmos, e ainda assim exige renições freqüentes de tôda a Brigada, porque os batalhões não podem estar na frente mais do que 10 dias (5 em descanso) nos quais fazem alternar a situação das suas companhias por períodos de 5 dias.

A Divisão coloca normalmente as suas três Brigadas na frente, atribuindo-lhe a responsabilidade da defesa do 1.^o sistema defensivo. Excepcionalmente a Divisão destina 2 Brigadas para o 1.^o sistema defensivo e 1 Brigada para o sistema intermediário (ou *Willage Line*). No 1.^o caso a Divisão *morre* na B. Line, em caso de ataque, porque desde que esta seja

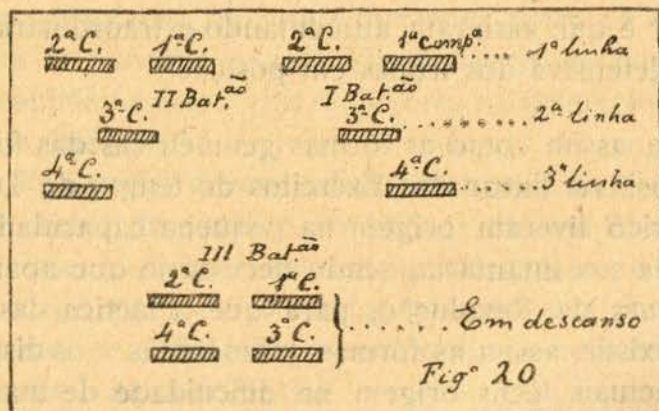
atingida pelo inimigo, cessa a sua missão; no 2.º caso essa missão cessa na *Willage Line*.

Aos outros sistemas defensivos são destinadas outras tropas ou do mesmo Corpo de Exército, no 2.º *sistema defensivo*, ou de outros Corpos de Exército para os outros sistemas defensivos organizados à retaguarda.

Assim o dispositivo geral das tropas não obedecia, quer no ataque, quer na defesa, de um modo rigoroso, ao escalonamento em profundidade, á *tactica das colunas*, tão preconizada antes da guerra; houve talvez uma reviviscência da antiga tactica linear



do século XVIII, com os seus comandantes de *linha* (os grupos de quatro vagas, no ataque, os *sistemas defensivos* ou *linhas de defesa*¹, na defensiva) as reservas parciais de *linha*, e a respon-



sabilidade atribuída às diversas unidades (Corpo, Divisão) tendo por limites linhas *paralelas* e não *perpendiculares* à frente, Que era essa longa linha de trincheiras, desde o mar até

¹ Como lhe chamava o Plano defensivo do Corpo Português.

Belfort, mais do que um dispositivo em *cordão*, como usaram os generais do século XVIII? O dispositivo de Brunswick em 1793, estabelecendo-se numa frente de 42 quilómetros desde Deux-Ponts até à vertente oriental dos Vosges, onde começava o *cordão* dos austriacos, não é comparavel, feita a proporção dos efectivos empenhados, ao dispositivo geral dos exércitos na frente de batalha da guerra actual?

Como nessa época, também as Divisões de 1.^a linha estavam agora fraccionadas sem qualquer idea de concentração; as grandes offensivas foram sempre levadas a efeito por tropas, não imediatamente empenhadas, mas que a rede de caminhos de ferro permitia deslocar com rapidez. Numa e noutra época, o *segrêdo* das operações, é essencial ao seu successo, porque em face de uma concentração do adversário, que faça prevêr um ataque, teremos que colocar de *prevenção* as nossas reservas.

O princípio de Mauvillou continua a ser applicavel às tropas em 1.^a linha: «Il faut que tous ces corps soient dans des positions où ils puissent se maintenir assez de temps contre des forces supérieures pour qu'on ait celui de venir à leur secours. Il faut donc calculer la distance, la nature des chemins, les moyens que l'ennemi peut ressembler pour tomber sur un corps pareil; ceux que nous avons d'être instruits d'un tel dessein avant le temps de son exécution, etc.—» Os meios para o executar é que variaram, aumentando extraordinariamente a potência defensiva dos tropas em posição.

É que, assim como as fórmulas geométricas das formações e o dispositivo linear dos Exércitos do tempo de Turenne e de Frederico tiveram origem na pequena capacidade manobradora da sua infantaria, sendo necessário que apparecessem os *voltigeurs* da Revolução, para que a tactica das colunas pudesse existir, assim as fórmulas geométricas e os dispositivos lineares actuais tem origem na dificuldade de manobrar a infantaria, desde que ela se encontra sob a acção da chuva de ferro e de fogo, com que a artilharia rega abundantemente os campos de batalha modernos.

Janeiro de 1919.

RAUL FREDERICO RATO
Capitão de inf., com o curso do E. M.

Admissão à escola superior de guerra de França em 1920

Por decreto de 3 de setembro último foram publicadas novas «Instrucções» para a admissão à escola superior de guerra.

A admissão é por *concurso*, como anteriormente já tinha lugar; mas algumas modificações foram introduzidas.

Nestas Instrucções fixa-se que as provas exigidas teem principalmente por fim avaliar a cultura geral, o critério e o método dos oficiais candidatos.

O concurso compreende, como até aqui, *provas escritas, provas orais e provas de equitação*.

As provas escritas são eliminatórias, determinando a admissibilidade.

As duas últimas provas determinam a admissão.

Podem concorrer tenentes, capitães e maiores de todas as armas, emquanto que anteriormente eram só tenentes e capitães, e só por uma decisão ministerial, poderiam ser admitidos os capitães promovidos a maiores no princípio do curso, ou durante este.

Os concorrentes devem satisfazer as seguintes condições:

Terem em 1 de outubro de 1920 (e não em 31 de dezembro) pelo menos 3 anos de serviço efectivo nas tropas, não sendo contado como tal o serviço passado num E. M. de D. I., ou noutra unidade inferior em tempo de guerra. Não se lhes exige ter 5 anos de oficial.

Devem ter, não menos de 28 anos de idade, nem mais de 38.

Os pedidos de admissão ao concurso devem ser entregues até 1 de outubro (e não até 25 de maio como anteriormente) aos chefes de corpo ou de serviços, que os enviarão aos respectivos generais, e serão acompanhados — da nota de assentos,

e de uma nota especial, em que o chefe dá as informações necessárias sobre o ponto de vista da admissão ou não admissão do candidato, largamente justificada e documentada, quer a respeito das suas aptidões e dotes de comando, quer do seu espírito criterioso, de maneira a aproveitar com resultado o ensino professado na escola de guerra.

O ministro da guerra resolverá até 1 de dezembro, quais os candidatos que devem ser admitidos ao concurso.

As notas biográficas do oficial, durante toda a sua carreira, só serão enviadas à escola superior de guerra relativamente aos oficiais que tiverem sido admitidos às *provas orais* (o que dantes tinha lugar logo que se enviava o requerimento).

As provas escritas de admissibilidade teem lugar a partir de 15 de março de 1920, em dias e nos locais que serão publicados no "*Journal officiel*" na 1.^a quinzena de janeiro de 1920.

Os assuntos de composição são enviados pela Escola superior de guerra ao Ministro da guerra, que depois da sua aprovação os enviará aos centros em que os exames terão lugar. Os chefes do estado maior serão encarregados da vigilância durante as provas escritas.

Como já estava determinado, é completamente defeso aos candidatos trocarem impressões entre si, usar de livros diferentes daqueles que lhes forem fornecidos e sair para fora das salas de trabalho.

Toda a fraude ou infracção importa a exclusão do oficial do concurso. As provas são prestadas em papel enviado pelo Ministerio da guerra conjuntamente com os *pontos do exame*.

Os candidatos não assinam os seus trabalhos, para que estes possam ser examinados e classificados da maneira mais independente pelo juri, que para esse fim se reunirá em Paris.

Classificadas as provas, será publicado no "*Journal officiel*" os nomes dos oficiais admitidos às outras provas.

As *provas escritas* duram 4 dias, e os candidatos tiram à sorte os assuntos a que terão de responder.

No 1.^o dia tem lugar a resolução de um *problema tático*, que dura 6 horas (e não 5, como dantes), compreendendo as *ordens* de execução dadas pelas unidades que fazem parte de uma D. I., e os *relatorios* relativos ao funcionamento de um

ou mais serviços desde a linha de fogo até ao contacto com os órgãos divisionarios (transmissões, reabastecimentos, evacuações, etc.).

No 2.^o dia tem lugar um trabalho *redacção militar*, que dura 7 horas, e que versará sobre a análise de um documento, ou de uma obra militar, para se conhecer as qualidades gerais do oficial, sob o ponto de vista da sua claresa de espírito, do seu critério, da sua capacidade de trabalho, etc.

No 3.^o dia tem lugar a *redacção* de um assunto de *historia e geografia geral*, ou sobre *direito internacional, publico e constitucional*, ou *economia politica*.

Neste dia são fornecidos aos candidatos, documentos sobre assuntos diversos, que os candidatos no 4.^o dia apreciarão e sobre os quais terão de fazer um relatorio.

Como se vê, foi suprimida a prova escrita de alemão (versão e retroversão), que tinha a duração de 2 horas, assim como o *esboço topográfico* de um fragmento da carta e um *levantamento itinerário*.

As *provas orais*, que tem lugar em Paris sofreram profundas alterações. Antigamente estas provas eram dadas em 2 exames, compreendendo o 1.^o — *táctica de infantaria e táctica de cavalaria* —, e o 2.^o *artelharia, organização militar e alemão*.

Agora as provas orais compreenderão:

- 1) Discussão das formações, processos de combate ou metodo de instrução insertos nos diversos regulamentos;
- 2) Conversação em inglês ou em alemão, tradução de um texto oral inglês ou de um texto oral alemão.

Os candidatos devem previamente declarar se preferem o inglês ou o alemão.

A *prova de equitação* terá lugar perante uma delegação do juri de exames.

As provas escritas e orais tem diversos coeficientes de importancia.

Nas provas escritas o trabalho de táctica aplicada e aptidão geral tem 6 de coeficiente; e o de redacção, tem 5. Estes coeficientes aumentaram em relação aos que anteriormente tinham sido estabelecidos.

Nas provas orais tem o coeficiente 6 as de infantaria, artelharia, cavalaria, engenharia, artelharia de assalto e aviação;

e é de 3, no inglês ou alemão. Estes coeficientes diminuíram em relação aos que anteriormente se tinham estabelecido.

Na prova de equitação o coeficiente é de 3.

Os candidatos podem ainda dar provas facultativas sobre as linguas eslavas (russo, polaco, servio, e tcheco-eslovaco), italiana, espanhola, romenio, grego, chinês, japonês, arabe ou uma lingua escandinava (dinamarquês, ou norueguês).

Os officiaes admitidos à Escola superior de guerra teem de fazer *tirocinios* nas armas diferentes da sua e nos E. M. de corpo de exercito.

Estes tirocinios serão repartidos por 4 períodos.

No 1.º período, de 1 de junho a 31 de outubro de 1920, e que tem lugar antes do começo do curso na Escola superior de guerra, os officiaes de artilharia e cavalaria fazem um mês de tirocinio na infantaria; os officiaes de infantaria, engenharia e artilharia, tirocinam um mês na cavalaria, os de infantaria, engenharia e cavalaria, um mês na artilharia; todos os officiaes admitidos vão 15 dias para a aviação e outros 15 dias para a artilharia de assalto.

Depois da entrada na escola, os tirocinios em cada um dos anos de curso serão regulados pelo general comandante da escola.

Terminados os cursos da Escola superior de guerra, vão fazer tirocinio em um E. M. de corpo de exercito.

As informações dos chefes relativas a estes tirocinios são enviadas ao comandante da Escola e só depois de concluidos os tirocinios é que teem de fazer o *exame de saída*, para obterem o *diploma de estado maior*.

Como acabamos de ver, esta maneira de encarar os tirocinios é muito diferente do modo como no nosso país é considerada. Na Espanha e noutros países procede-se como em França. Durante os tirocinios os officiaes continuum pertencendo às escolas de estado maior, e é nestas que são apreciadas as informações dos chefes, tomando-se em conta para a classificação final. Só depois do official obter o *diploma* é que pode usar o distintivo de official de estado maior, pois só então é que de facto tem completado todas as suas provas.

A "*Instrução*" de 3 de setembro de 1919 traz apenas os programas relativos a *historia geral e contemporanea, geografia geral, direito constitucional, direito internacional publico* e

economia politica e social, parecendo que foi suprimida a historia militar, estrategia e táctica geral, estudo dos caminhos de ferro, de organização e mobilização, higiene e serviço de saude, telegrafia, etc., que dantes se exigiam, e que veem desenvolvidos na "*Instrucção*" de 1901.

A actual "*Instrucção*" ainda faz notar que só se exigem os conhecimentos gerais que estão contidos nos manuais adoptados nos estabelecimentos de ensino secundário (classe de filosofia e matemática), visto que para o actual concurso de 1920 já não há tempo para uma maior preparação.

V. C.

CRÓNICA MILITAR

Alemanha

A divisão alemã durante a guerra.—Para aligeirar a divisão, e torná-la mais manejável, e para aumentar o número destas unidades, permitindo um maior número de combinações, foi aquela unidade constituída por—3 regimentos de infantaria, estes a 3 batalhões de 5 companhias, das quais uma era de metralhadoras.

A companhia foi reduzida no seu efectivo, pois constava de 150 a 200 homens, dos quais 16 estavam armados com espingardas-metralhadoras. C efectivo da divisão era assim de 7 a 9.000 homens de infantaria. Cada divisão tinha 2 regimentos de art.^a com comp.^{as} de lança-minas e de metralhadoras de reserva, com um efectivo total de 3.000 homens. Assim a divisão tinha 10.000 a 12.000 combatentes.

Em vez de *corpos de exercito*, a partir de 1915, formaram-se *grupos de divisões*, cujo número era muito variável.

Espingarda contra os carros de assalto.—Os alemães empregaram uma espingarda especial contra os *tanks*, cujo calibre era de 12^m/m,7 e 1^m,70 de comprimento. O cartucho tinha 12^{cm},7 de comprimento.

O novo exercito alemão.—Segundo informa o *Lokal Anzeiger* o efectivo do exercito será de 200.000 homens, compreendendo 63 batalhões de infantaria, em lugar dos 600, que tinha antes da guerra; 7 batalhões de engenheiros, em vez de 49, e 79 esquadrões de cavalaria, em vez de 550. A artilharia a pé desaparecerá completamente.

Ha, porém, um facto bem a notar: o orçamento para um exercito de 800.000 homens, que havia em 1913, era de 980 milhões de marcos, enquanto que para o novo exercito, de efectivo tão reduzido, está computado em 1.100 milhões.

Isto só pode ser explicado com as despesas a fazer com as novas *sociedades civis* de instrução militar preparatória, e com as *escolas civis* para officiais. Como se vê, os processos adoptados são os mesmos de 1806. Terão as mesmas consequências? *O futuro o dirá.*

A transformação da fabrica Krupp.—A fabrica Krupp de Essen acaba de transformar-se parte para a construção de máquinas de caminhos de ferro e vagões, devendo estar em condições de construir anualmente 300 máquinas

pesadas com os seus tenders e 2.500 vagões de 15 toneladas. O governo obriga-se a adquirir anualmente á casa Krupp 100 máquinas e 2.000 vagões.

As fábricas deverão ter uma maior capacidade de produção para o que se vão transformar as oficinas de artilharia. A sucursal da casa Krupp de Munich, e que tinha sido construída durante a guerra, está em liquidação. A de Essen, porém, vai entrar em grande actividade, para o que precisa adquirir muito aço.

Austria-Ungria

A evolução orgânica da infantaria durante a guerra.—Ao começar a guerra, cada regimento de infantaria tinha 4 batalhões activos (cada um com uma secção de metralhadoras) e um *batalhão de depósito*, que permanecia na séde da guarnição para formar novas unidades de 2.^a linha, convocar e instruir os recrutas e reservistas.

O batalhão fraccionava-se em 4 companhias, e estas a 4 pelotões.

O regimento dispunha ainda de um *pelotão tecnico* (sapadores e explosivos).

Nalguns dos batalhões de caçadores a 4.^a companhia era *ciclista*, tendo 3 pelotões ciclistas e um de metralhadoras.

A organização do regimento com 4 batalhões durou pouco tempo, passando a ter 3 batalhões.

Manteve-se, porém, durante tóda a campanha a brigada com 2 regimentos e a divisão com 2 brigadas, grupando-se as divisões 3 a 3 para constituírem *corpos de exercito*.

Desta forma houve divergências orgânicas nas unidades superiores entre o exercito austriaco e o exercito alemão, pois neste as divisões passaram a ser constituídas a 3 regimentos de infantaria (suprimindo-se as brigadas), e suprimiram-se os *corpos de exercito*, formando-se em seu lugar *grupos* de variável número de divisões.

Espanha

A distribuição do contingente para 1920.—Por um *real decreto* foi fixado em 86.000 homens o contingente próximamente a incorporar nas diferentes unidades do exercito.

Pertencem 5.256 aos mancebos sujeitos às juntas de revisão, e que foram julgados aptos; 421 proveem dos que, tendo sido adiada a sua incorporação, teem agora de se apresentar; e 80.323 dos que foram êste ano apurados. O número dos apurados êste ano foi de 117.305. E' êste número que serve de base à distribuição do contingente.

Os *distritos de recrutamento* que fornecem maior número de recrutas são os dois de Madrid, os três de Barcelona e os três de Valência.

Os primeiros dão 1.787 recrutas; os de Barcelona, 2.369; os de Valência, 2.624. Os dois de Saragoça dão 1.292.

Seguem-se em importância, os distritos de *San Sebastian*, *Villa nueva de Sereno* e *Oviedo*, que dão respectivamente 1.169, 1.065 e 1.044.

Como se vê, os distritos de Madrid, apesar de compreenderem a capital do reino, não são os que mais contribuem para o contingente de recrutas.

Em resumo, os distritos de recrutamento da Península com as Juntas Consulares dão 83.101 homens; os das Baleares, 1.580; os das Canarias, 1.319. Total, 86.000.

O novo batalhão de instrução de infantaria.—Como consequência da reorganização do exercito, foi decretada a organização e constituição de um batalhão tipo, que servirá de escola permanente às tropas da arma, e onde se experimentarão os mais modernos meios de guerra, e se estudarão os novos métodos de combate, sempre com caracter prático.

Em períodos anuais serão destacados para êste batalhão oficiais de infantaria e das outras armas para adquirirem os conhecimentos necessários.

Este batalhão servirá de escola de instrutores, que depois irão difundir os seus conhecimentos nas outras unidades da arma.

Este batalhão fica dependendo tecnicamente do Estado maior central.

O batalhão é constituído por um Estado maior e 6 companhias, sendo 4 companhias de fuzileiros e granadeiros, uma de metralhadoras, e uma companhia mixta de bocas de fogo, e um pelotão ciclista. Os oficiais e sargentos para êste batalhão serão escolhidos cuidadosamente e terão as mesmas gratificações que os dos estabelecimentos militares. Nenhum oficial poderá pertencer ao quadro permanente do batalhão por mais de 6 anos em cada posto.

O *estado maior* do batalhão é constituído por: 1 tenente-coronel, 3 maiores, 3 capitães, 1 capitão-médico, 1 seleiro, 1 ferrador, 1 espingardeiro, 1 sub-oficial, 3 sargentos, 4 cabos, 1 corneteiro, 20 soldados e 4 cavalos.

Adidos ao *estado maior* há: a) um pelotão de operarios e explosivos com 1 tenente, 1 sargento, 2 cabos, 17 soldados e 2 muares de carga;

b) um pelotão ciclista com: 1 tenente, 1 sargento, 2 cabos, e 27 soldados;

c) o *trem*, com: 1 tenente, 1 sargento, 1 cabo, 18 soldados, 1 cavalo, 8 muares de tiro e 7 de carga.

As 4 *companhias de fuzileiros e granadeiros* compreendem: 4 capitães, 12 tenentes, 4 sub-oficiais, 12 sargentos, 28 cabos, 8 corneteiros, 4 aprendizes de corneteiros, 4 tambores, 352 soldados, 4 cavalos e 16 muares de tiro.

Cada companhia tem uma cozinha rodada.

A *companhia de metralhadoras* tem: 1 capitão, 2 tenentes, 1 sub-oficial, 4 sargentos, 4 cabos, 1 corneteiro, 46 soldados, 3 cavalos, 4 muares de tiro e 11 de carga.

A *companhia mixta* de bocas de fogo tem: 1 capitão, 3 tenentes, 1 sub-oficial, 3 sargentos, 6 cabos, 2 corneteiros, 64 soldados, 1 cavalo e 2 muares de tiro.

O total do batalhão é portanto: 34 oficiais, 646 praças e 63 solipedes.

Estados Unidos

Perdas americanas na guerra. Corrigindo...

Segundo as informações dadas pelo *chefe de estado maior* do exercito americano, e tendo portanto character official, as perdas sofridas na última

guerra pelo exercito desta nação foram muito maiores do que as indicadas nesta *Revista* no número de fevereiro último, e que por isso vamos corrigir.

Mortos nos campos de batalha, ou em consequência de ferimentos.	36.154
Mortos por doenças.....	14.811
Mortos por causas diversas.....	2.204
Feridos.....	179.625
Prisioneiros.....	2.163
Desaparecidos.....	1.160
Total.....	236.117

Dos 179.625 feridos há milhares que, por serem leves os ferimentos, não chegaram a entrar nos hospitais, tendo sido enviados para as unidades depois de tratados nos *postos de socorro* de regimento ou de batalhão. Desta forma considera-se que o número de mortos, gravemente feridos, prisioneiros e desaparecidos não vai além de 125.000 homens.

O número de prisioneiros—2.163—é muito pequeno em comparação com os prisioneiros alemães feitos pelos americanos, cujo número foi 44.000.

O esforço americano na grande guerra.—A lei de 18 de maio de 1917, com as modificações subsequentes, permitia mobilizar todos os homens dos 18 aos 45 anos de idade.

Nestas circunstâncias foram inscritos 23.709:000 homens, dos quais foram chamados ao serviço militar 2.800:000.

Nesta época a população dos Estados Unidos era de 114 milhões de habitantes. A nação forneceu, pois, 11,8 % da sua população obrigada ao serviço militar, e quasi 1,6 % da sua população geral.

Naquele número não estão compreendidos os marinheiros e a infantaria de marinha, assim como um grande número de homens empregados nas fábricas de munições e noutros trabalhos necessários à guerra.

Em outubro de 1918 as tropas americanas na frente ocidental ocupavam uma frente de 162,3 km., enquanto que a frente total era de 712 km.

Durante a guerra os Estados Unidos gastaram com o exercito (soldos, fardamento, alimentação, etc.) 14.000 milhões de *dollars*.

Numerosos edificios foram requisitados para aquartelamento de tropas ou para depósitos, tendo sido todos os proprietarios devidamente indemnizados. As despesas totais com a guerra elevam-se a 23.363 milhões de *dollars*.

Em 16 de maio de 1919 os créditos concedidos às nações aliadas atingiam 9.370.219.000 *dollars*.

França

A reorganização do exercito francês.—Segundo o *Matin*, o Estado Maior francês apresentou ao governo um projecto de reorganização do exercito que diz respeito ao *recrutamento*, aos *quadros* e às *reservas* do exercito.

Emquanto ao número de divisões a organizar no tempo de paz, depen-

derá da atitude da Alemanha e dos Convénios militares com a Inglaterra, com os Estados Unidos, com a Italia, com a Belgica e com a Polonia.

O *serviço militar* será obrigatório e a permanência nas fileiras será de 10 a 12 meses, sendo constituído um efectivo permanente com *readmitidos* e *alistados voluntarios*.

A incorporação dos recrutas terá lugar em duas épocas do ano : em outubro e em abril.

Os quadros de oficiais serão recrutados entre os alunos da Escola Politecnica, que irão depois às escolas de aperfeiçoamento ou de aplicação das diversas armas e serviços completar e desenvolver a sua instrução militar.

A recente guerra poz em evidência, pelo caracter industrial e tecnico que revestiu, quanto seja necessário aumentar a instrução dos quadros e dar-lhes maior homogeneidade, recrutando-os numa escola única e superior, como é a Politecnica. Também foi reconhecido que se deve reduzir o número de unidades, mas aumentar os efectivos das que existirem, pois só assim a instrução será útil.

A instrução das reservas merecerá um cuidado especial, devendo ter lugar frequentes períodos de repetição, e mais intensivos do que tinham lugar antes de 1914.

As funções de *oficial de reserva* passam a ser obrigatórias para certos individuos com habilitações literárias, devendo a sua instrução ser cuidadosamente regulamentada, visto que as exigências de mobilização são grandes relativamente aos quadros de oficiais, especialmente de subalternos e capitães.

A improvisação de oficiais na recente guerra, apesar de uma instrução e preparação intensa, não satisfiz as necessidades da guerra. Isto que se manifestou no exercito francês, mais se evidenciou no exercito britânico, cujos desastres se atribuem em grande parte à falta de quadros convenientemente instruidos.

A França vai também dar desenvolvimento ao *exercito colonial*, contando largamente com êle para operações na Europa.

Os batalhões deverão ter um efectivo mui próximo do de guerra, (900 homens, não compreendendo os oficiais e sargentos), e deverá ser constituído por 6 companhias. Cada companhia terá 3 pelotões, com um efectivo de 150 homens; cada pelotão com 50 homens será comandado por um oficial ou por um sargento-ajudante. O pelotão terá 2 secções de 25 homens cada uma, sob o comando de um sargento; a esquadra, de 12 homens, será comandada por um cabo readmitido.

As 6 companhias do batalhão, segundo o general Lacroix, serão: uma de fuzileiros, outra de granadeiros, outra de metralhadoras, duas de assalto com tanks e outra de serviços, à qual pertencerão os músicos, telegrafistas, velocipedistas, artífices, e Estado Maior do batalhão. Os batalhões terão um caracter autónomo.

O esquadrão, na cavalaria, deve ser a unidade por excelência, tendo 4 pelotões activos a 25 cavalos cada um, e um pelotão fóra da fileira.

Na *artelharia* o grupo de 3 baterias activas será a unidade de manobra, tendo cada bateria 4 peças.

Na *engenharia* o batalhão será a maior unidade com 6 companhias de 750 homens, e cada uma especializada.

CRÓNICA MARITIMA

Portugal

Ainda o discurso do Sr. Vice-Almirante Vicente Almeida de Eça, pronunciado na Escola Naval em 2 de Outubro ultimo por ocasião da inauguração da placa comemorativa dos antigos alunos mortos na guerra.—No número de Dezembro, publicamos o discurso do distinto oficial, tal como o encontramos no Diário de Notícias, reconhecendo que lhe faltava uma parte considerável do princípio, e o final que o ilustre professor rematou primorosamente.

Vemos agora, publicado no número de Agosto e Setembro dos *Anais do Club Militar*, o discurso na integra.

Desejando dar aos leitores da Revista Militar, o complemento dessa patriótica oração, permita-nos o nosso Almirante que por pouco não foi nosso mestre na Escola Naval, mas de quem tivemos a subida mas imerecida honra de sermos um modesto colega... a dias (à roda de 1.900), tantos quanto nos concedeu a lei de 1903, permita-nos, dizíamos, que completemos a transcrição, que com tão íntimo jubilo fizemos do seu apreciável trabalho. É um conforto para os velhos, e uma bela lição para os novos. Oxalá seja aproveitada como esparamos.

Permita-nos o nosso Almirante que lhe façamos uma pequena rectificação ou melhor, esclarecimento, em homenagem a um dos saudosos mortos, o aspirante António Rodrigues Janeiro a quem, por louvavel iniciativa de S. Ex.^a o Sr. Ministro da Marinha, foi prestado ultimamente um sentido tributo de respeito pela sua memória, transportando solenemente, os seus restos mortais, do Adamastor para o cemitério dos Prazeres.

O desditoso aspirante Janeiro, atirou-se à água, quando viu morto o chauffeur do pequeno gazolina que governava (metralhado a pequena distância) e com o fim de governar dentro de água a embarcação para a encaminhar para a margem portuguesa.

Aproximou-se d'ele, a nado, uma praça de marinhagem, e elle disse-lhe: «afasta-te, não te segures a mim porque já estou ferido». Momentos depois desaparecia envolto na corrente do rio. Estava ferido mortalmente.

Segue o começo e o final do notavel discurso :

Breves palavras: um nome, uma data, nada mais. São assim as menções no *livro dos quartos*: linguagem concisa; para que não exceda o limitado espaço da página. São assim, em geral, as nossas conversas, os nossos relatórios. É característica dos homens do mar: secos, de poucas falas.

Mas naquelas breves palavras da placa comemorativa contem-se muitas

idéas, muitos sentimentos. Aqueles homens morreram em serviço, morreram por uma boa causa ; morrendo, deram bom exemplo.

É, pois, dêsse serviço, dêsse exemplo que eu devo falar-vos, não para dizer cousas novas, mas para sintetizar o que todos sabeis, apresentando assim mais um testemunho da nossa estima e da nossa saudade. Desejo ser apenas o porta-voz do que está no espírito dos que me escutam. Oxalá o consiga.

Em 1914 a Alemanha atingira o apogeu do seu período: político, militar, industrial. Em terra a indústria desentranhava-se em artefactos que invadiam o mundo inteiro; o made in Oermany penetrava em tôda a parte, minando os esforços dos outros povos, levando-os à decadência em quasi todos os ramos de aplicação. No mar numerosas frotas mercantes levavam por esse mundo fora os produtos da indústria, recolhiam aos seus portos carregadas com as materias primas e as produções naturais dos outros países. Um exército poderoso e fortemente preparado, uma marinha de guerra por igual organizada, asseguravam a defesa da metrópole, o uso do mar, as comunicações com as colónias próprias e com as colónias livres, duma das quais, por exemplo, se escrevia nas cartas geograficas este letreiro ameaçador—Deutsch Brasilien.

Que mais queria o colosso? Diziam-no claramente nas suas Universidades os intelectuais, explicaram-no pouco depois do começo da Grande Guerra aqueles 47 sábios, que subscreveram o famoso manifesto. O povo alemão era superior a todos os outros; possuía qualidades intrinsecas, naturais e suas próprias, que lhe davam o direito, mais ainda, que o constituíam no dever de dominar os outros povos, para proveito comum e felicidade completa da Humanidade inteira. Arte, indústria, organização política, condições sociais, tudo quanto constitui o complexo da vida dos povos, tudo era perfeito no paradigma germânico; tudo errado, ou mesquinho, ou atrasado nos outros modelos. Cumpria portanto, germanizar o mundo, dominá-lo absolutamente.

Singular concepção! Disse-se que era apenas a repetição da obra de Roma, da qual resultará a maior civilização do antigo mundo ocidental. Não; a diferença é enorme... e por isso os resultados foram diferentes.

A Galia, a Espanha, a Mauritania eram regiões barbaras habitadas por povos guerreiros, sem dúvida, mas que não tinham chegado ainda a um estado de civilização, e tanto que, vencidos pelas legiões de Roma, a breve trecho adoptaram a língua e os costumes dos vencedores. A Grecia, sim era a terra abençoada da Arte, da Poesia, da Eloquência; adormecera, porém, na decadência das suas dissensões; aceitou quasi de bom grado, o braço forte que se propunha ampará-la. E o que succedeu? A Arte helénica, em tôdas as suas manifestações, entrou em Roma: vencido foi o vencedor; o espírito dominou a matéria; Roma helenizou-se. Quando Júlio Cesar, ferido de morte pelos punhais dos conjurados, cai no Senado aos pés da estátua de Pompea, compõe as dobras da toga para morrer em posição elegante, e as suas derradeiras palavras, de acerba censura a Bruto, seu filho adoptivo, são em grego: Kai su, yie. Também tu, meu filho! «Cesar, guerreiro romano, era afinal um hiper-civilizado da Grecia.

Agora não. Agora não havia bárbaros na Europa; agora havia muitas culturas que não só a germanica. Agora havia scandinavos, anglo-saxões,

slavos; agora havia latinos, legítimos herdeiros de Roma; e para qualquer dêles nada, nada justificava a pretendida supremacia da Alemanha. Todos iguais em direitos, sim; cada um dêles com feições diferentes de cultura, sem dúvida; mas qualquer dêles com jus a dominar, a aniquilar os outros, não. Deutschland uber Alles, nunca.

Êste foi o êrro germânico. Embriagados pela própria grandeza, não viram, não supozeram que poderia haver energias latentes, assentaram que todos os outros povos haviam chegado ao último grau da decadência como os Gregos antigos, ou que eram bárbaros como os Gallos e os Espanos. Amadurecido durante quarenta anos o plâno orgulhoso, viram chegar o pretexto por tanto tempo ansiado, e gritaram: Emfim!

Veio a guerra, a Grande Guerra. Guerra subterrânea, guerra aerea: tudo novo, tudo invenção germânica. Nos plânos, estudados durante deznios no segredo do Grande Estado Maior, tudo fôra previsto, tudo sábiamente calculado—mobilização, concentração, investimento, centros de abastecimento, bases à retaguarda, tudo, tudo. A onda invasora afogaria a França primeiramente, depois em ressaca gigantesca iria alagar as stepas da Rússia, e tudo ficaria acabado em poucas semanas, em poucos meses, quando muito.

No romper do ataque o mundo estremeceu de horror. Mas a heroica resistência da Belgica heroica deu o primeiro alento de esperança, depois Joffre, o Cuntator, soube deter a onda durante todo o tempo necessário para que a França organizasse a resistência. Seguiram-se meses sombrios, períodos de desalentos; acudiram auxiliares, a Inglaterra, a Itália, a América, e outros; a frente de batalha estendia-se de vez a vez, desde o mar do norte até ao Adriatico, até Salonica, apenas interrompida pela Suissa neutral. Dura era a resistência, duríssimo o ataque. Apareceu finalmente Foch, o artista da Grande Guerra... Sim, êle o disse nas suas monumentais lições na Escola Superior de Guerra: a guerra é uma ciência e é uma arte; a ciência, abrangendo a tactica e a estrategia, fazem-na os chefes subalternos; a arte só pode ser feita pelo chefe supremo, que esboça o quadro, aplica as tintas, estuda o conjunto e prepara o efeito final; chefes subalternos muitos, tantos quantos sejam necessários para batalhas que duram semanas e meses, em frentes que se estendem por centenas de quilómetros, com efectivos que se numeram por milhões de combatentes; chefe superior, um só; a unidade de comando é o princípio fundamental da arte da guerra. Custou a alcançar a unidade de comando, porém, ela se obteve, Foch, o generalíssimo, concluía a sua obra na serenidade do Castelo do Silencio; a Vitória coroou o artista da guerra; a dutilidade do genio latino subjugou a cultura inteiriça da Germania.

Também na guerra naval tudo foi novidade, preparada de longa data pela Alemanha: as esquadras teriam de ficar nos portos, engarrafadas; os campos de minas defenderiam as costas; os submarinos, aos cardumes, iriam ao largo afundar, sem aviso prévio e sem piedade, tôda a navegação mercante, inimiga ou neutra, que tentasse abastecer os contrários; êstes seriam, a breve trecho, reduzidos pela fome.

Sabeis o que sucedeu. Assim como em terra os Aliados rápidamente organizaram trincheiras contra trincheiras, sapos contra sapos, gâses contra gâ-

ses, aviões contra aviões, assim no mar o gigantesco bloqueio imaginado contra êles, êles o applicaram a seu turno, e com tal êxito que foi uma das causas do armistício pedido.

E cumpre não esquecer que os Aliados, empregando os gáses e lançando projecteis dos aviões, tudo isto contrário às disposições expressas das leis da guerra, só o fizeram em represálias, justificadíssimas, visto que o inimigo fôra o primeiro a esquecer por completo essas leis.

Nós, Portugueses, também entrámos na Grande Guerra. Entrámos primeiro, fornecendo, nós, pobresinhos, material de artilheria a um dos Aliados; na Belgica e em Salonica les canons portugais tiveram grande applicação. Entrámos, depois, directamente, mandando para Flandres e para a Africa a flôr da nossa juventude. Entrámos todos, uns porque foram lá, outros porque, ficando, para lá viam partir os filhos, os amigos, os patricios. Meses de incertezas, de amarguras, todos os passámos, todos...

E os que foram não desmereceram da honrada fama dos Portugueses. Serranos nas trincheiras da Flandres, marujos nas minas de Entre Cabos, foram dignos descendentes dos soldados da Restauração e da Peninsular, dos marinheiros de D. Francisco de Almeida e do Marquês de Niza. No 9 de Abril praticaram-se actos de extraordinário arrojo, de heroismo inexcédível; cumpre dizer-lo bem alto, sempre que a oportunidade se apresente; cumpre conservar essa memória no escriptorio dos nossos corações. para lenitivo de tantas injustiças de estranhos, tantas...

A Marinha Portuguesa, a militar e a mercante, desempenhou funções importantes na Grande Guerra, mais importantes ainda se se considerar os reduzidos efectivos de que dispunha. São êsses serviços conhecidos, pelo menos dos que se encontram aqui; não é de todos êles que me cumpre falar, se bem que não deseje perder a oportunidade de lembrar, entre outros, as viagens do Navio Fantasma.

É só dos filhos da Escola Naval que nos ocupamos hoje. Foi à sua memória que o Conselho de Instrução resolveu dedicar aquella modesta placa. Já li os seus nomes; agruparei agora os serviços em que encontraram morte honrada.

.....

Há na literatura clássica uma joia que vem a proposito citar, pois que tenho falado da ambição germanica e das doutrinas do gozo material. É a tragédia de Eschylo, intitulada Os Persas. O entrecho é simples: os Persas haviam sido derrotados pelos Gregos na batalha naval de Salamina, a civilização helenica, que despontava mas já provocava inveja aos Orientais, havia repellido a invasão de longa data premeditada por Dário e agora tentada por Xerxes. Na côrte do Basileus preparavam-se grandes festas para receber o triunfador. De repente chegou a nova do desastre enorme, irremediavel. Então foi o desespero, o ranger de dentes de mutuas recriminações; estais a ver que a História se repete. Mas o côro, que na tragédia antiga representava as ideias da Justiça, o castigo dos maus, o prémio aos bons, o côro diz os desesperados: «Mortais, não eleveis os vossos pensamentos acima da condição mortal. Se deixardes germinar a insolência, nascerá a messe do crime, e a colheita será de dores». Assim termina a tragédia.

Dir-vos-ão, talvez, senhores aspirantes, que tudo isto são lugares co-

muns; pois é com ideas correntes, singelas, como estas, que se governam os povos, não com exageros extremistas. Dir-vos-ão (pior será) que estas ideas são atrasadas, que o destino do homem é gozar, obtendo o máximo das comodidades com o mínimo dos esforços. Não deis ouvidos aos sedutores; ou são maus, ou são loucos. Enchei-vos de coragem para os repelir, pois em verdade vos digo que é necessário te-la. E quando sentirdes que o desfalecimento vos invade, lembrai-vos de Carvalho Araujo, de Azeredo e Vasconcelos e dos outros.

Senhor Presidente da República, nosso presadíssimo camarada: agradeço a Vossa Excelência a atenção com que se dignou ouvir as minhas desataviadas palavras; foi mais uma prova da estima com que Vossa Excelência me tem honrado, de que sempre conservarei lembrança em meu coração.

Não tardam a soar as oito ampulhetas, como se dizia no nosso tempo de guarda-marinhas; vai Vossa Excelência entregar o serviço. O quarto foi trabalhoso; mas o official que sai, entrega-o sem novidade. Oxalá o official que entra, possa levar o navio a porto de salvamento. Oxalá.

As galeotas reais.—Quem passasse, por exemplo, ali por ocasião do Centenário de Camões, no vapor de Belem, da Empresa dos Vapores Lisbonenses, dos vapores do Burnay, como era mais conhecida e que nos veio libertar dos tombos do Omnibus do Florindo, veria próximo do grandioso edificio da Cordoaria Nacional, guardado pelo forte da Junqueira, um telheiro onde sobre planos inclinados se ostentavam as quatro soberbas embarcações de custosa talha dourada, talvez, sem receio de errar únicos exemplares no Mundo em perfeição, elegancia e magestoso porte.

Eram as galeotas onde embarcavam as Famílias Riais portuguesas, eram as riquissimas embarcações que o Governo Português, punha à disposição dos Régios visitantes estrangeiros que ao contemplarem as belezas naturais do porto de Lisboa, reconheciam como Portugal sabia receber galhardamente, quem lhe dava a honra da sua visita.

Eram (e são) as quatro embarcações por ordem decrescente: o bergantim, a galeota grande, a galeota pequena e a saveira.

Com as obras do porto de Lisboa que, como é sabido de todos, conquistaram ao Tejo uma larga faixa de terreno, passaram as galeotas para o Depósito da Azinheira donde prestaram muitos serviços recebendo a Família Rial nas grandes solenidades navais, os Soberanos e visitantes estrangeiros de sangue Rial e de alta categoria e ainda nos recorda da saveira ter conduzido para o Arsenal os exploradores Capelo e Ivens, recebidos em pessoa por S. M. El-Rei o sr. D. Luiz I. Foi isto aí por 1885, quando uma portaria nos deu o galão de guarda-marinha.

Desde há longos anos que as galeotas se conservam no barracão da Azinheira metidas por terra dentro, sem nunca mais terem ido à água ao que nós conste pelo menos.

Apenas em 1914, estando nós no Arsenal, secretário do contra-almirante Julio Schultz Xavier, Administrador dos Serviços Fabris, e a quem devemos bastantes ensinamentos durante os rápidos seis meses que tivemos a honra de servir sob as ordens do illustre official, estando nós no Arsenal, dizíamos, veio

o bergantim dar um passeio ao Arsenal para lhe ser tirada a fotografia, e ser esta enviada ao Governo Ottomano.

Foi uma trabalhadeira para conduzir a pesadíssima e grandiosa embarcação, desde a sua residência até ao braço do Tejo que ela tantas vezes sulcou.

Com o sol de abrasar que cai sobre as telhas do barracão e que estão a pequena distância da graciosa curva da borda, que fecha a prôa com um soberbo dragão e à pôpa com o famoso e riquíssimo painel coberto de ouro nos seus delicados labores e nos topos do qual se ostentam grandes lanternas de prata, com êsse grande calor, iamoz dizendo, foi-se secando o calafêto e abrindo as juntas das tabuas, de forma que há pouco, quando se quiz empregar uma dessas riquíssimas embarcações para conduzir o Presidente eleito da República Brasileira Dr. Epitacio Pessoa, encheu-se logo de agua.

Livrou-nos do grande apuro, a vedeta de Renown, que por fortuna se deixou lá ficar em baixo defronte da Cruz Quebrada como relatamos na nossa crónica de Agosto, se não estamos em êrro.

Para se avaliar a riqueza destas embarcações, basta dizer que a restauração da pintura das mesmas há um par de anos feita pelo afamado pintor Casanova custou 9 contos de réis.

Devem aquelas reliquias do passado, devem aqueles suntuosos exemplares de embarcações de luxo que atestam a antiga grandeza de Portugal, que são um documento palpável do que eram capazes os soldados e marinheiros de grandes descobertas, das campanhas da Restauração, os que infligiram às Aguias Napoleonicas os seus primeiros reveses, continuar como até aqui?

Respondam os portuguezes de hoje que, respeitadores e continuadores das brilhantes tradições da altiva e cavalheirosa raça oriunda dêste canto occidental da Europa, teem verdadeiro amor por tanta preciosidade que ainda por aí se encontra acumulada em oito séculos de vida independente da Nação Portuguesa.

As galiotas riais! Mas porque se não constroi na margem esquerda do Tejo, e melhor ainda se puder ser, nalgum ponto da margem de Lisboa, a Leste da Base Naval, um recinto coberto, com um pavimento superior onde se pudesse instalar o Museu de Marinha, e inferiormente as galiotas sobre um plano inclinado para as deitar ao mar e pô-las prontas a servir?

As galiotas riais! Mas porque não appareceu ainda um portuguez de lei com decidida influênciã nos altos destinos da Marinha, que pudesse alcançar do Parlamento uma verba insignificante em vista dos 6.400 contos de réis que acabam de ser votados para a compra de 8 cruzadores, verba com que se pudesse acudir, emquanto é tempo, áqueles lindos barcos de incalculavel valor?

Será ouvida a nossa débil voz, lançada nas páginas desta Revista, a mais antiga publicação militar, onde tem sido debatidos assuntos da mais alta importância e hoje realizados?

São êsses os nossos sinceros votos.

Ainda não estão comprados os oito *Slops* da classe *Flower* e em breve, nos consta, vai partir para Inglaterra uma comissão de illustres e competentes officiais a fim de examinar e escolher os que mais conveem.

Confiamos plenamente na honestidade e patriotismo dessa comissão que só os aceitará em excepcionais condições de preço, e segura de que à sua

construção presidiu o maior escrupulo, e fôram atendidas as regras em observância na moderna engenharia naval.

Pois muito bem. Uma vez que se não enveredou pelo caminho que em tais casos, segundo o nosso modo de ver, se devia seguir, isto é, comprar navios novos, tendo sido devidamente fiscalizada a sua construção desde o início, pois só assim se poderão acautelar eficazmente os altos interesses do Estado que são os de nós todos, que, aqueles que teem poder e grande influência na marinha envidem os seus esforços para se retirar da verba dos 6.400.000 escudos, a importância suficiente para construir um museu de marinha, contendo as galiotas riais, prontas no seu plano inclinado a ir ao mar por períodos frequentes, e servirem à primeira voz.

Há muitas preciosidades dispersas (algumas à guarda do nosso Museu de Artelharia), há ainda vivo antigo pessoal do Arsenal que à vista das fotografias, poderá reproduzir os modêlos de naus, e outros barcos que o falecido contra-almirante João Braz de Oliveira, com o seu nunca desmentido patriotismo e amor pelas cousas do mar, conseguiu fazer imprimir num belo album, de que se tiraram bastantes exemplares.

É claro que tais modêlos que, certamente sairão perfeitos, dada a habilidade da velha mestrança do Arsenal que ainda hoje, felizmente, está gozando o justo descanso de tantos anos de trabalho, não tem o alto valor histórico, não falam ás nossas almas, não fazem vibrar os nossos corações como aqueles que um pavoroso incendio rápidamente reduziu a cinzas, mas ficam para o futuro a atestar aos vindouros como eram airosas e elegantes no seu majestoso porte, as náos de Portugal, que constituíram a florescente marinha de Martinho de Melo, e as esquadras que se formaram depois da Restauração de Portugal.

Meditem nisto aqueles que ainda podem salvar as galiotas, de uma ruína que não vem longe se não se adoptarem desde já medidas radicais. Formem uma realidade o museu de Marinha e terão prestado à sua Pátria um valiosíssimo serviço, e conquistado jus a um lugar de destaque, entre os que, com justiça, enfileiram na galeria dos nomes illustres da marinha de guerra portuguesa.

Nós é que, humildes e pequeninos como infelizmente sômos, não podemos fazer mais do que veementes votos para que nos ouçam aqueles que nos podem ouvir. É fraca a nossa voz, é certo, mas também não é menos verdade de que a lógica de pulmão não é a que mais convence.

Salvem as galiotas riais.

Cruzador Almirante Reis.—Vai brevemente entrar em doca seca o nosso maior navio de guerra, que há perto de cinco anos se acha desarmado, em demorado fabrico. Vai-lhe ser passada uma rigorosa vistoria ao casco, para melhor avaliar do seu estado.

Tem sido o navio devidamente beneficiado internamente; vai prosseguindo o importante fabrico das suas caldeiras. Tem dirigido e executado esse fabrico, pessoal em extremo zeloso e é-nos grato registar aqui, a boa vontade, dedicação e interesse que o actual chefe das máquinas capitão-tenente engenheiro maquinista Alfredo de Barros tem mostrado pela prontificação do navio, como temos verificado no desempenho dos nossos deveres officiais.

Há, pois, as mais fundadas esperanças de que, em breve período de tempo, vejamos ainda navegar por alguns anos, êsse elegante cruzador, onde fizemos o nosso tirocinio para o nosso actual posto, e onde encontrámos, em officiais e praças, uma franca e lial camaradagem que não mais nos esquecerá, durante o tempo que porventura, nos reste de vida.

Certamente, por isso, sentimos um certo pezar quando, todos os dias, do rêcanto do nosso gabinete, contemplamos o Almirante Reis em mastros reaes sem as suas alterosas chaminés, sem ainda podermos fazer sequer uma suposição de quando veremos o belo navio outra vez pronto. Muito desejaríamos vê-lo ainda em estado de receber um seu novo comandante, talvez um capitão de mar e guerra, para ostentar no porto de armamento, ou mostrar lá fora o seu gracioso casco, a sua imponente figura, como em 1898 quando, no alto dos pegões da Boa Viagem, o vimos vir subindo o Tejo para se vir incorporar, depois do Adamastor, entre os navios da nossa marinha de guerra, como a sua primeira unidade moderna, do melhor que havia então.

Veremos ainda o Almirante Reis em completo armamento?

O Cruzador Adamastor.—Consta-nos que vai ser condenado o primeiro cruzador que adquirimos, em 1897, com o produto da grande subscrição nacional, ficando, por isso, no porto de Lisboa como figura decorativa.

Vai muito longa esta crónica, e não devemos abusar da paciência dos leitores da Revista Militar, mórmente na ocasião da nossa despedida, pois deixamos o nosso lugar na Direcção. Temos bem fundada esperança de que advirá lucro certo para os nossos leitores, com as substânciosas crónicas que lhes dará o nosso bom camarada e amigo capitão-tenente Mata e Oliveira, um novo e estudioso, que fazendo parte do Estado Maior de Marinha, muito melhor do que nós, manga de alpaca, na ultima fase da nossa carreira militar, mas que muito nos honra, poderá ilustrar a nossa Revista, com os produtos do seu incontestável talento, sobejamente demonstrado nos seus valiosos trabalhos dispersos na Revista.

Contudo, animado pelas palavras benevolas de amizade do nosso venerando Presidente da Direcção, na última sessão de 11 de Dezembro, ainda muito breve, soltaremos nas páginas da Revista Militar um brado a favor do Adamastor, êsse barquinho que há uns bons 22 anos, tem cumprido briosamente o seu dever, essa pequena mas elegante unidade de combate da nossa marinha, onde nunca embarcamos mas de que temos ouvido as mais elogiosas referências a officiais que marcam, êsse navio finalmente de que, no tempo presente, em virtude de uma missão que nos confiada, temos entre mãos o relato dos episódios da sua última comissão.

Procuraremos provar que o Adamastor entregue para as reparações indispensáveis à indústria particular, ainda poderá prestar optimos serviços por longos anos.

Que nos seja relevada esta nossa protecção aos velhos, na nossa crónica final, pois também acima pedimos alguma comiserção para o Almirante Reis.

São velhos, com muito boas pernas, desde que lhes ministrem remédio adequado e lhes renovem alguns órgãos cançados.

Aqui fica o pregão lançado na também velha Revista Militar, uma pu-

blicação com mais de 70 anos de existência e que tem atravessado vitoriosamente graves crises, estando hoje num invejável grau de prosperidade mercê de uma honesta e escrupulosa administração, dum trabalho fatigante e verdadeiramente modelar.

Rectificação

Nas páginas 758, linha 24 acrescentar : páginas que todos vós lestes, sentindo o arpejo que no mais embotado sempre causa o facto heroico narrado em linguagem empolgante. Que mais poderia eu dizer aqui? Que novos conceitos, que novas comparações históricas poderia eu apresentar agora? Não devia plagiar o trabalho primoroso, nem me valeria a pena resumir o que, no todo, deve ser apreciado.

V. G. C.

BIBLIOGRAFIA

I — LIVROS

Inglaterra

- 1 ACCOUNT of Voluntary Aid Work carried out in Gloucestershire, from October, 1914, to March, 1919 Cr. 8vo. pp. 163. *Gloucestershire Chronicle*. n. 2/6
- 2 ACCOUNTS of Auxiliary Hospitals for the year ended December 31, 1918, with summary of accounts and statistics for 1915-8. Cr. 8vo, pp. 186. Room 70, 83, Pall Mall, S W 3/
- 3 AUSTRALIAN Y.M.C.A. with the Jewish Soldier of the Australian Imperial Forces. Compiled by Harold Boas. Cr. 8vo, pp. 207. *Office*.
- 4 BOOK of Remembrance. Being a short summary of the service and sacrifice rendered to the Empire during the great war by the Popes of Wrackelford, County Dorset. With a Foreword by Thomas Hardy. Royal 8vo, pp. 152. *Privately Printed*.
- 5 BRAILSFORD (Henry Noel) *Across the Blockade*. A Record of Travels in Enemy Europe. Cr. 8vo, pp. 157. *G. Allen & U.* n. 2/6
- 6 BUCHAN (John) *Nelson's History of the War*. Vol. LV. — Victory. Cr. 8vo, pp. 317. *Nelson*. n. 2/6
- 7 CAYTON (P. B. M.) *Tales of Talbot House*. Everyman's Club in Poperinghe and Ypres, 1915 1918. Cr. 8vo, pp. 180 *Chatto & W.* n. 3/6
- 8 COBB (Irvin S.) *Eating in Two or Three Languages*. Cr. 8vo, pp. 64. *Hodder & S.* n. 3/6
- 9 COBB (I. S.) *The Glory of the Coming*. What Mine Eves have Seen of Americans in Action in this Year of Grace and Allied Endeavour. 8vo, pp. 464. *Hodder & S.* n. 7/
- 10 CROFT (Lieut.-Col. W. D.) *Tree Years with the 9th (Scottish) Division*. Cr 8vo, pp 304. *Murray*. n. 9/
- 11 DOYLE (Arthur Conan) *The British Campaign in France and Flanders*, January to July, 1918. 8vo, pp 360 *Hodder & S.* n. 7/6
- 12 FIFE (Charles Domville) *Submarines and Sea Power*. Royal 8vo, pp. 258. *G. Bell* n. 10/6
- 13 GOODWING (Capt. J. C.) *The Visual Traming of the Soldier*. With Hints on Judging Distance. 18mo, pp. 66. *Gale & P.* n. 1/6
- 14 GRAY (Tina) *Hospital Cays in Rouen*. Cr. 8vo, pp. 96. *Gowns & G.* n. 3/6
- 15 OGSTON (Sir Alexander) *Reminiscences of Three Campaigns*. 8vo, pp. 342. *Hodder & S.* n. 16/

- 16 OUR Wonderful Navy. *The Story of the Sure Shield in Peace and War*. Told by John S. Margerison. Folio, pp. 160. Cassell. n. 6/
- 17 OUTWARD Bound. *By a Commanding Officer*. 18mo, swd., pp. 31. Gale & P. n. 9d
- 18 OWEN (H. Colinson) *Salonica, and After*. The Sideshow that Ended the War. With a foreword by General Sir George Milne. 8vo, pp. 303. Hodder & S. n. 10/6
- 19 PAGE (Edward) *Escaping from Germany*. Cr. 8vo, pp. 404. A Metrose n. 4/6
- 20 PHILIP'S Academy, *Andover, in the Great War*. Edited by Claude M. Fuess. 8vo. Oxford P. n. 12/6
- 21 PRIESTLEY (Major R. E.) *Breaking the Hindenburg Line*. The Story of the 46th (North Midland) Division. With an introduction by Major-Gen. G. F. Boyd. 8vo. pp. 200. T. F. Unwin. n. 7/6
- 22 *How to Save Life*. «The Boy Scout's Library.» Vol. VII. Cr. 8vo, swd., pp. 57. Gale & P. n. 1/
- 23 KINGLY *Grave in France, A*. 18mo, swd., pp. 32. Longmans n. 8d
- 24 KNIGHT (Captain) «*Brother Bosch*.» An Airman's Escape from Germany. Cr. 8vo, pp. 176. Heineman n. 3/6
- 25 LAWRENCE (Sapper Dorothy) *The only English Woman Soldier*. Late Royal Engineers, 51st Division, 179th Tunnelling Company, B. E. F. Cr. 8vo, pp. 240. J. Lane. n. 5/
- 26 MUSTER *Roll of the Manse*. Final edition. Cr. 8vo, pp. 162. W. Hodge & Son (Glasgow). n. 3/6
- 27 O'DONNELL (Colonel H.) *Catechism on Field Training*. (Infantry). Revised and brought up-to-date. 6th edition. Cr. 8vo, pp. 264. Gale & P. n. 3/
- 28 PRICE (Hereward T.) *Boche and Bolshevik. Experiences of an Englishman in the German Army and in Russian Prisons*. Cr. 8vo, pp. 252. Murray n. 5/
- 29 SELIGMAN (V. J.) *The Salonica Side-Show*. 8vo, pp. 256. G. Allen & U. n. 10/6
- 30 STEEVENS (G. W.) *With Kitchener to Khartum*. Cr. 8vo. pp. 384. Nelson n. 2/6
- 31 SYLLABUS of *Cadet Training, 1919* (New Zealand Military Forces) Cr. 8vo, pp. 58. Marcus F. Marks (Wellington, V. Z.)
- 32 TOMPKINS (R. S.) *Story of the Rainbow Division*. With an Introduction by Major-Gen. C. T. Menoher. Cr. 8vo, pp. 264. Bony & Liveright (N Y.) n. 8/
- 33 WALES: *Its Part in the War*. Edited by Ivor Nicholson and Trevor Lloyd-Williams. With a preface by Sir E. Vincent Evans. Cr 8vo. pp. 276. Hodder & S. n. 6/
- 34 AMIENS. *Before and During the War*. Cr. 8vo, swd., pp. 56. Michelin 1/6
- 35 CLARK (Ruth) «*Munobi*.» *C. mp Fire Training for Girls*. With a Foreword by Lady Baden-Powell, and an Introduction by «White Fox.» Cr. 8vo, pp. 126. Pearson n. 3/6
- 36 DAVSON (Major H M.) *Story of «G. Troop*. Royal Horse Artillery. Cr. 8vo, pp. 114. Royal Artillery Inst. (Woolwich) 7/6

- 37 ELLACOTT (John) *From the Air. Adventures of our Bombing Squadrons* Cr. 8vo, swd., pp. 189. *Newnes* n. 2/1
- 38 GILL (Lieut.-Col N G.) *The Aerial Arm. Its Functions and Development.* With an Introduction by Major-Gen. Sir W. Sefton Brancker. 8vo, pp. 168. *Aeroplane & Gen. Pub. Co.* n. 6/6
- 39 HANKEY (Donald) *A Student in Arms* 3rd Series. 18mo., pp. 233. *A Melrose* n. 3/
- 40 HORNING (E. W.) *Notes of a Camp Follower on the Western Front.* Cr. 8vo, pp. 260. *Constable* n. 6/
- 41 *La Grande Guerre. Recits de Combattants.* Marcel Nanaud, Jean Renaud, and others. Cr. 8vo, pp. 190. *Camb. U. P.* n. 4/
- 42 LAST POST: *The Death Roll of Sport, 1914-8.* Royal 8vo, pp. 48. «*The Field*» P. 3/6
- 43 LOCK (Major H O.) *With the British Army in the Holy Land.* 8vo, pp. 158. *R. Scott.* n. 7/6
- 44 LUGARD (Capt. E. A.) *Some Impressions of the Work of the British Red Cross in France.* Cr. 8vo, pp. 63. *Author* 2/6
- 45 MAIDSTONE *Peace Souvenir.* Royal 8vo, pp. 29. «*South-Eastern Gazette*» (Maidstone) 1/
- 46 MARNE Battlefield (1914), *The.* 8vo, pp. 264. *Michilm* 5/6
- 47 MOORE (Mary Macleod) *The Maple Leaf's Red Cross. The War Story of the Canadian Red Cross Overseas.* Cr. 8vo, pp. 224. *Skeffington.* n. 6/
- 48 MORRIS (Henry Fuller) *Berwondsey's «Bit» in the Greatest War.* Part 1. pp. 16. *Clifton Pub. House* 1/2
- 49 NEIL (Lt.-Col. Jas Hardie) *Field Ambulance Organisation and Administration.* With Diagrams. Cr. 8vo, pp. 133. *Lewis* n. 4/6
- 50 ODHAM'S *A B C of the Great War.* Compiled and edited by E. W. Colbrook. Cr. 8vo, pp. 229. *Odhams* n. 6/
- 51 POWELL (Sir Robert Baden) *Aids to Scoutmastership.* A Handbook for Scoutmasters on the Theory of Scout Training. Cr. 8vo, swd., pp. 127. *H. Jenkins* n. 2
- 52 *Roll of Honour of the Salford Brigad* (15th, 16th, 19th, 21st Lincs. Fusiliers). Edited by Sir C. A. Montague Barlow. Cr. 8vo, *Sherrat & H.* n. 5/
- 53 SANDES (Major E. W. C.) *In Kut and Captivity.* With the Sixth Indian Division. 8vo, pp. 508. *J. Murray* n. 24
- 54 STONE (C.) *BB.* Cr. 8vo, pp. 30. *Blackwell.* n. 2/
- 55 TOUT (T. F.) *Mediæval and Modern Warfare.* 8vo, swd. *Longmans* n. 2/
- 56 TROTSKY (L.) *The History of the Russian Revolution to Brést-Litovsk.* Cr. 8vo, pp. 153. *G. Allen & U.* n. 2/6

II — PERIODICOS

Portugal

- 1 *O Oriente Português*, n.º 7 e 8 de Julho e Agosto de 1919. Trato comercial entre a Europa e a India em tempos remotos. Para a historia

dos Marâtas. Os ranes, os quetris, os oixos, os chardós e os brâmanes de Goa. Bens pensionados em Goa. Famílias portuguesas estabelecidas na India, cuja varonia se extinguiu (continuação). Varia Variorium.

Brasil

1 *A Defesa Nacional*, n.º 73 de Setembro de 1919. Parte editorial—O problema dos vencimentos — Exemplo argentino — Paciencia e Perseverança. A Questão do E. M. E. O Estado Maior do Exercito. O Sorteio Militar em Perigo. Thema para estudar o mecanismo de uma acção offensiva. Uma rectificação. Medidas complementares. Estudos de organização. Industria bem militar. Thema tactico. A bayoneta e seu emprego. Exercicios de esquadrão. Nomenclatura do obuz. A pontaria indirecta. Noticiario.

N.ºs 74 e 75 de Outubro e Novembro. Parte editorial — O setimo ano — Mais que simples esperanças — Menos que factos. Prelúdiando a victoria. Campos de manobras. A viação estrategica para o sul do Brasil. O problema dos sargentos. O que o exercito pôde ser para a Nação. Bento Manuel Ribeiro. Consequencias. A nova missão social do oficial. A visita do sr. General Sebastian Buquet. Preparo do homem para a patria. Do curso de tiro de Toledo. R. T. I. (2.ª edição) Themata tacticos. A instrução do Tiro. O combate da infantaria. Noções de metralhadoras. Instrucção de infantaria. Trabalhos ineditos. Sobre o R. E. C. Pratica do tiro na artilharia de campanha. Novidades do R. T. A. Pontaria indirecta e abertura de fogo. Para os artilheiros. Subsidio ao R. E. E. Instrucções para o serviço dos canhões Krupp 305 ^o/45 T. R. Formação das reservas do serviço de saude. Noticiario.

2 *Boletim do Club Naval*, n.º 6 de Setembro de 1919. Aplicação das Formulas de Ingalls à escolha de uma nova polvora para canhão. 11 de Junho de 1919 — Comemoração de Riachuelo. A Grande Crise. Tres conferencias. Notas sobre a Resistencia dos Meios. Problemas de Fére-Control. Teoria Electronica da Materia. Informações Sociais. Notas da Redacção.

3 *O Tiro de Guerra*, n.º 9 de Setembro de 1919. A Remodelação das Sociedades de Tiro. Suprema recompensa a um coração bondoso. Os efeitos da intrução militar. Stand Nacional — Resumo das obras executadas. Lauro Müller perante o Exercito e o Exercito perante a nação. Conhecimentos uteis. Exercito de 2.ª linha — Aproveitamento dos officiais da antiga Guarda. «O Escotismo em S. Paulo». Festa sportiva do Tiro de Guerra 244 — Rio Grande do Sul. Para a Guerra. Qual o melhor cavallo para a guerra? Torneio de Tiro—Belo exemplo feminino. Combate ao analphabetismo. Etc.

Colombia

1 *Memorial del Estado Mayor del Ejercito de Colombia*, n.º 85 de Julho de 1919. Campaña de Invasion—Contribución del Estado Mayor General a la celebracón del Centenario de la Batalla de Boyacá.

N.º 86 de Agosto. Campaña del ejército libertador colombiano en 1819 — Contribución del Estado Mayor General a la celebración del Centenario de la Batalla de Boyacá.

Cuba

- 1 *Boletín del Ejército*, n.º 43 de setiembre de 1919. El gas como agresión. Inventos de iluminación en la gran guerra. La fortificación permanente en la guerra actual. Teorías alemanas en el ataque y la defensa. Los productos accesorios de la guerra. Etc.

Espanha

- 1 *Estudios Militares*, n.º 8 de Agosto de 1919. Por el Rif y Yebala. Historial de Borbón, xvii de infantería. La Batalla de Villaviciosa. A propósito de la Batalla de Cannas. Organización del Ejército, (continuación) Revista extranjera. Revista de la Prensa.
- 2 *La Guerra y su preparación*, n.º 10 de Octubre de 1919. El II Cuerpo de Ejército italiano en el frente francés. Los aeroplanos y la caballería, en la guerra europea. Datos sobre los últimos combates del frente francés. El fundamento teórico de la apreciación de distancias por medio del sonido, en Alemania. Las marchas en el ejército alemán. Principios fundamentales para las operaciones nocturnas. Disposiciones provisionales sobre uniformes en tiempo de paz, en Alemania. Los puestos de escucha en la guerra. Información gráfica de procedencia italiana. Enseñanzas de la guerra mundial. — Comentarios del Ministro de la Guerra del Japón. Estudios en el Japón para reformas y modificaciones como consecuencia de la guerra. Etc.
- 2 *Memorial de Artillería*, n.º de Octubre de 1919. El tiro de varias alzas con granada de metralla en la artillería pesada. El escalonamiento de convergencia en nuestras baterías ligeras de campaña. Artillería de campaña — Estudio referente al armamento, calibres, tipos de material, clase y proporción de municiones, y métodos de transporte de la artillería, que se debe asignar a un ejército de operaciones. Artillería de Costa — El ejemplo de los Estados Unidos. Metalurgia — Observaciones sobre el *corroyage* del acero — La radiografía de los metales. Miscelánea. Etc.
- 4 *Memorial de Infantería*, n.º 94 de Noviembre de 1919. Ascensos y recompensas. Nuestras banderas. Estado de Rumania á su entrada en guerra. Curso de tiro de Infantería en Zaragoza. Los servicios de inventos franceses durante la guerra — Lanzaminas — Novedades empleadas en la gran guerra. Nuestra acción militar en Marruecos. — El problema de los cuadros en Francia. Necrología. Noticias Militares. Etc.

Estados Unidos

- 1 *Journal of the United States Artillery*, n.º 158 de Octubre de 1919. Rotating Bands. The Service of Anti-Aircraft. Artillery. Deviation

Computer for Moving Target for use on Whistler Hearn Plotting Board. Practical Interior Ballistics. Etc.

- 2 *The International Military Digest*, n.º 4 do vol. 6 de Outubro de 1919.

França

- 1 *Revue Militaire Générale*, n.º 1 de Agosto Setembro de 1919 — Note de la Redaction — Choses d'artillerie. L'armée allemande avant et pendant la guerre 1914-1918. Le traité de paix de Versailles et l'obligation du service militaire. L'homme instrument de guerre. Chronique. Livres. Revues. Journaux. Chronique des revues militaires étrangères.

Italia

- 1 *Rivista de cavalleria*, n.º 9 de Setembro de 1919. Forza numerica degli Ufficiali dell'Arma di Cavalleria. Da un Mese all'Altro. Questioni di attualità. Celeres et rotanti...! Esplorazione — Aronautica. Equitazione militare sportiva. Gaze ippiche reggimentali. Caccie — Corse — Concorsi. Etc.

N.º 10 de Outubro. Forza numerica degli Ufficiali dell'Arma di Cavalleria. Da un Mese all'Altro. La cavalleria nella campagna del 1914 in Francia e nel Belgio. Addestramento del cammello. Cronaca degli avvenimenti di guerra dall'agosto 1915. Una pagina di cronaca sportiva. Caccie — Corse — Concorsi.

Peru

- 1 *Boletin del Ministerio da Guerra y Marina*, n.º 5 de Maio de 1919. El general Clement. Marchas (conferencia). Lecciones de tactica. Ensayo historico-critico sobre las batallas de San Francisco y Tarapacá. Segunda conferencia. Propositiones interesantes de tiro. La artilleria durante la guerra. Colonización militar del grand Pajonal. Por la construcción de un cuartel. El Codigo de Justicia Militar. Etc.

N.º 6 e 7 de Junho e Julho. El nuevo régimen. Plan general de instruccion de los oficiales. El Codigo de Justicia Militar (conclusión). Estudios y conclusiones de la conferencia quirúrgica interaliada (continuación). Cronica de las acciones de caballeria en la guerra de las naciones (continuación) Ensayo historico-critico sobre las batallas de San Francisco y Tarapacá (conclusión). El ejército y la armada y la cultura nacional. Propositiones interesantes de tiro (continuación). La Legislación Militar en el Peru (continuación). Colonización militar del gran Pajonal (continuación). Etc.

N.º 8 de Agosto. El Presidente Provisional. La 6.ª Misión Militar Francesa. El coronel Gerardo Alvarez. El Ejército ante el movimiento político actual. Remonta Militar. Plan General de Instrucción de los Oficiales — Conferencias de 1919 (conclusión). Estudios y conclusiones de la conferencia quirurgica inter-aliada (continuación). La Legislação Militar en el Perú. Reclutamiento e instruccion de los oficiales ingleses para el gran ejército de operaciones. Evolución de la artille-

ria durante la guerra europea. Equipage ligero de puentes. Escuela Militar del Japon. Nociones sobre los servicios de un ejército. Colonización Militar del Gran Pajonal (continuación). Etc.

Salvador

- 1 *Boletín del Ministerio de Guerra*, n.º 52 de Abril de 1919. Curso de aplicación para oficiales — Profesores de la Escuela de CC. y SS. Acuerdos del Ministerio de Guerra y Marina. Sanidad Militar — Movimiento ocurrido durante el mes de Abril. Ordenes Generales Importantes. Importancia del Servicio sanitario. El ascenso a oficial desde la clase de tropa. La antigüedad en el Ejército. Movimiento ocurrido en el Ejército, durante el mes de Abril — Etc.

N.º 53 e 54 de Maio e Junho Organización de la Escuela de Ingenieros. Reglamento para el servicio de Comandantes de Barrio y Cantonales en la Republica. Becas en la Escuela Nacional de Aviación de México. Becas para mecánicos en los Talleres Nacionales de México. Hospital Militar. La tactica en las grandes batallas de 1918. Acuerdos del Ministerio de Guerra y Marina. Ordenes Generales Importantes. Movimiento ocurrido en el Ejército, durante los meses de Mayo y Junio. Canjes.

Suissa

- 1 *Revue Militaire Suisse*, n.º 11 de Noviembre de 1919. A prepos de la première bataille de la Marne. Domestiques d'officiers. Le millieme de l'artilleur. Chronique suisse. Cronique portugaise. Informations. Bulletin bibliographique.

